

Silvio Domingues

**GRAMATICALIZAÇÃO E
AUXILIARIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO
GAA...GO DO DIALETO SUÍÇO-ALEMÃO**

**TRÊS LAGOAS - MS
2014**

Silvio Domingues

**GRAMATICALIZAÇÃO E AUXILIARIZAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO GAA...GO DO DIALETO SUÍÇO-ALEMÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira.

**TRÊS LAGOAS – MS
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Silvio D.

Gramaticalização e Auxiliarização na construção gaa...go do dialeto suíço-alemão/ Silvio Domingues dos Santos.Três Lagoas, 2014.

94f.:il

Orientadora: Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-CPTL. Linha de Pesquisa em estudos lingüísticos. Programa de Pós – Graduação em Letras.

1.Gramaticalização.2.Auxiliarização.3.Marcador de futuridade.4 verbo gaa. I. Título

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Se

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

Membros Suplentes

Profa. Dra. Gisele Cássia de Souza

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Profa. Dra. Solange Carvalho Fortilli

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

“As línguas não têm funcionalidade em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover a comunicação entre eles. Ora, os homens evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo em que vivem, que, conseqüentemente, acaba mudando com eles” (MARTELOTTA, 2011:27)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Edson Francisco Rosa Souza, que acreditou no projeto inicial e me concedeu a autonomia necessária para desenvolver esta pesquisa. Pela competência, profissionalismo e pelas sugestões de grande valor no decorrer do trabalho;

À minha orientadora professora Dra. Taísa Peres de Oliveira, pelo apoio no início do projeto, contribuindo com sugestões valiosas de leitura para o trabalho. E também pelas incansáveis leituras e releituras do meu trabalho e toda paciência em me guiar para um resultado melhor.

À Professora Dra. Joceli Catarina Stassi Se, pelas valiosas sugestões por ocasião do Exame de Qualificação, que contribuíram muito para um melhor direcionamento na dissertação.

À minha mãe Lúcia Aparecida Pereira, pela compreensão e incentivo a tudo o que faço;

Aos meus irmãos, Silvan Domingues e Elis Regina e ao sobrinho Eduardo Domingues;

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1.1 GRAMATICALIZAÇÃO E SEUS PRINCÍPIOS TEÓRICOS	21
1.1.1. Conceito de gramaticalização: histórico e contribuições	21
1.1.2. Gramaticalização primária e secundária	23
1.1.3. Os Princípios de Hopper	26
1.1.4. O papel da frequência na gramaticalização	30
1.1.5. Visão cognitivista no processo de gramaticalização	31
1.1.6. Outros mecanismos de mudança	34
1.2 VERBOS AUXILIARES E AUXILIARIZAÇÃO	37
1.2.1. Definição, gênese e desenvolvimento	37
1.2.2. Verbos modais “ter/haver”, ‘dever’ como marcadores de futuridade	42
1.2.3. Verbos de volição como marcadores de futuridade	45
1.2.4. Verbos de movimento como marcadores de futuridade	47
2. UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA	51
2.1. O dialeto suíço-alemão	51
2.2. A constituição do <i>corpus</i>	53
2.3. Critérios de análise	55
3. CARACTERÍSTICAS GERAIS E TIPOLÓGICAS DO SUÍÇO-ALEMÃO	57
3.1. Ordem dos constituintes	57
3.2. Os casos do suíço-alemão	59
3.2.1. O caso comum	60
3.2.2. O caso dativo	61
3.2.3. O caso genitivo com a preposição ‘vo’	62
3.3. Tempo	63

4. GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO GAA+GO NO DIALETO SUÍÇO-ALEMÃO

65

- 4.1. A gênese da construção gaa...go 65
- 4.2. O metonimização na construção gaa...go 70
- 4.3. Verbo pleno ou verbo auxiliar 73
 - 4.3.1. Aplicação das propriedades dos auxiliares e os estágios da cadeia verbo para TAM. 73
- 4.4. A integração do verbo 'gaa' com verbs predicadores 80
- 4.5. Os princípios de gramaticalização de Hopper 83

CONCLUSÃO

88

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o processo de gramaticalização do verbo *gaa* (ir) do dialeto suíço-alemão (*schwiizerdütsch Dialekt*), falado na Suíça germanófono. Tendo em vista os postulados teóricos da Gramaticalização (BYBEE, 2003; LEHMANN, 2002; HEINE (1993) e HOPPER e TRAUGOTT, 1991, dentre outros), o propósito do estudo é mostrar que o verbo *gaa*, além de atuar como verbo de movimento, pode ser também usado como marca de futuridade no dialeto suíço-alemão, tornando-se, pois, mais gramatical e mais abstrato, razão pela qual tal fenômeno é tratado aqui como um caso de gramaticalização (GR). Para tanto, recorreremos aos princípios de GR propostos por Hopper (1991) para descrever o comportamento funcional do verbo *gaa* no dialeto suíço-alemão e, assim, comprovar a existência de um processo de GR em andamento. O material de investigação é composto por textos diversos e entrevistas publicados em jornais informativos, blogs e programas de TV no dialeto suíço-alemão. Os dados analisados podem comprovar que o verbo *gaa* no dialeto suíço-alemão está passando por um processo de GR, com usos que vão de verbo de movimento a marcador de futuro (verbo auxiliar), percorrendo o seguinte *continuum* de GR: verbo pleno > verbo auxiliar (marcador de futuro).

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; futuridade, auxiliarização, verbo *gaa*.

ABSTRACT

This research aims to analyze the process of grammaticalization of the verb *gaa* (the verb to go) in Swiss German (*schwiizerdütsch Dialekt*), spoken in German-speaking Switzerland. Given the theoretical postulates of Grammaticalization (Bybee, 2003; LEHMANN, 2002; HEINE (1993) and Hopper and TRAUGOTT (1991) among others), the purpose of the study is to show that the verb *gaa*, besides acting as a verb of motion, it is also used as a future marker in Swiss German, becoming therefore more grammatical and more abstract, which is why this phenomenon is here treated as a case of grammaticalization (GR). Therefore, we resort to the principles of GR coined by Hopper (1991) to describe the functional behavior of the verb *gaa* in Swiss German and thus prove the existence of a process of ongoing GR. The research material consists of various texts and interviews published in informative newspapers, Internet blogs and TV shows in Swiss German. The data analyzed show that the verb *gaa* in Swiss German is able to undergo to a process of GR , with uses ranging from motion verb to a future marker (auxiliary verb) , covering the following continuum GR: full verb > auxiliary verb (future marker).

KEYWORDS: Grammaticalization, future tense, auxiliarization, verb *gaa*.

ABREVIACÕES E CONVENÇÕES

Lista de abreviações utilizadas ao longo deste trabalho, relativamente à língua alemã, ao dialeto suíço-alemão e demais línguas usadas nos exemplos, conforme segue:

1PL	primeira pessoa do plural
1SG	primeira pessoa do singular
2SG	segunda pessoa do singular
3PL	terceira pessoa do plural
3SG	terceira pessoa do singular
ACC	acusativo
ADV	advérbio
ADJ	adjetivo
AUX	auxiliar
CONJ	conjunção
DAT	dativo
DEM	demonstrativo
DET	determinante
GEN	genitivo
IMP	imperativo
INF	infinitivo
LOC	locativo
NEG	negação
NOM	nominativo
PART	partícula

PARTC	partícipio
PL	plural
POSS	pronome possessivo
PREL	pronome relativo
PREP	preposição
SG	singular
SUBJ	Subjuntivo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As ocorrências da construção gaa...go.....	55
Tabela 2 – Ocorrências da partícula GO sem o uso do verbo gaa.....	56
Tabela 3 – Verbos principais.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estágios da GR (Lehmann, 2002:12).....	25
Quadro 2 – Morfemas auxiliares no processo de GR.....	41
Quadro 3 – Gaa auxiliar e as propriedades semânticas de Heine (1993).....	77

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 – As quatro línguas da Suíça.....	53
Gráfico 2 – Verbos estáticos e dinâmicos.....	81
Gráfico 3 – Subdivisão verbos dinâmicos.....	82

INTRODUÇÃO

A gramaticalização é uma teoria de mudança linguística que, segundo Meillet (1912), um dos primeiros a usar o termo, consiste na mudança de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical. Este processo envolve a atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma, em razão de necessidades comunicativas por parte dos falantes. Trata-se, pois, de um fenômeno de mudança linguística que constitui, segundo Traugott e König (1991), um processo dinâmico e unidirecional, em que um item lexical ou uma construção (conforme Traugott, 2003) adquire um estatuto gramatical/ mais gramatical.

Durante a segunda metade do século XX viu-se uma redução de pesquisas no campo da gramaticalização devido às ideias estruturalistas em voga na época e que não levavam em conta processos diacrônicos – como ocorre na gramaticalização – mas sim sincrônicos, em suas pesquisas. No entanto, o crescimento de pesquisas envolvendo o discurso e universais linguísticos na década de 1970 motivou novamente o crescimento das pesquisas em gramaticalização. Em se tratando de pesquisas em universais linguísticos, percebeu-se que alguns processos de gramaticalização apresentavam recorrências em muitas línguas não relacionadas familiarmente ou geograficamente. A gramaticalização de verbos de movimento como marcadores de futuridade é um dos exemplos dessa recorrência.

O uso do verbo ‘ir’ ou ‘vir’ como marcador de futuridade é encontrado em línguas ameríndias, latinas, germânicas e, de acordo com Bybee (2010), também há casos em línguas faladas na África e Ásia. Segundo Bybee, a explicação para tais recorrências é o fato de que muitos dos mecanismos básicos envolvidos nesse processo levem se a processos cognitivos, algo não restrito à línguas particulares. Linguistas como Heine (1993) e Traugott e Dasher (2002) apontam para um mecanismo cognitivo muito presente no processo de GR, a metaforização. Segundo Lakoff e Johnson (1980) a metaforização pode ser entendida como a transferência de um domínio concreto para um domínio mais abstrato, ou no caso de verbos de movimento a transferência de sentido de espaço para tempo: ESPAÇO>TEMPO.

Entendemos que mais uma ocorrência desse processo de GR de verbo de movimento esteja em desenvolvimento no dialeto Suíço-alemão. Dialeto de grande prestígio para a comunidade germanófona da Suíça, o suíço-alemão ou *schwiizerdütsch* (ou ainda em outros dialetos *schwyzertüütsch*, *schwyzerdütsch*) é, segundo Keller (1961), um nome artificial para o dialeto germânico denominado Alemânico, que se estende por áreas como Baden Württemberg, Voralberg (Áustria), Liechtenstein e toda região germanófona da Suíça. O

dialeto suíço-alemão não possui escrita padrão, porém, há uma certa convenção entre os falantes na escrita do dialeto; pode-se observar que a escrita da língua alemã padrão também possui muita influência na escrita do dialeto. Há produções musicais, literárias e também programação de TV da Suíça germanófono com grande parte da programação voltada para falantes do dialeto.

Como afirma Keller (1961), o dialeto apresenta uma característica muito peculiar, não encontrada em nenhum outro dialeto da região germânica, nem mesmo na língua padrão, a construção *gaa...go* (verbo *ir* mais partícula *go*). Essa construção típica do dialeto tem como origem o uso de um verbo de movimento ‘*gaa*’ (*ir*) mais uma preposição gramaticalizada (*gen>ge>go*), que tinha como finalidade inicial a indicação de movimento rumo a um local. Assim como muitos casos de verbos de movimento, essa construção passou a transmitir a ideia de ‘ir rumo a um local para a realização de determinada tarefa’. A partir do momento em que o verbo passa a exercer função instrumental, de auxiliar, enfatizando a realização de determinada tarefa, pode-se identificar um processo de GR do verbo de movimento como marcador de futuridade. Como podemos observar nos exemplos abaixo, há diferença na função do verbo em (1.a) em relação a função que exerce em (1.b). Podemos dizer que o primeiro exemplo demonstra o verbo em sua forma plena, enquanto o verbo usado no segundo exemplo aparenta ter um domínio mais funcional, perdendo a função semântica de verbo pleno. A partícula que é um elemento gramaticalizado, também perde função semântica na segunda sentença, tornando-se assim parte de um conjunto, ou seja, parte da construção ‘*gaa...go+infinitivo*’.

- (1) a. *jetzt gang-i i Hei go ässe.*
 ADV ir-1SG PREP casa PREP comer.INF
 ‘agora vou para a casa (para) comer’

- b. *i gang mini freiziit viel gschide-r go nutze*
 1SG Ir POSS Tempo livre ADV inteligente-mais PART aproveitar.INF
 ‘Vou aproveitar meu tempo livre mais inteligentemente’

Em línguas nas quais o verbo de movimento apresenta apenas suas funções semânticas originais, podemos perceber que, mesmo recebendo um complemento verbal, não

há nenhuma função gramatical exercida pelo verbo. Como podemos verificar nos exemplos da língua servo-croata a seguir (2.a) e (2.b), não há nenhuma relação das sentenças (2.a) e (2.b) com intenções a ser realizadas no futuro, nem o verbo ‘*ići*’ (ir) apresentando alguma função gramatical; em ambas as sentenças o verbo é usado apenas na sua forma plena. A sentença (2.a) é um convite para ir ver algo no instante da fala, enquanto a sentença (2.b) sugere apenas um movimento a um determinado local para a realização de uma tarefa, ou seja, ambas as sentenças, possíveis nessa língua, apresentam o verbo ‘*ići*’ em sua forma plena.

(2) a. Idemo vidjeti!

Ir.2PL ver.INF

‘vamos ver (verificar)’

b. Idemo na Mars da tražim znakovi život-a

ir.2.PL PREP Marte PREP procurar.INF sinais vida-GEN

‘Vamos para marte para procurar sinais de vida’

Conforme Bybee (2010), “as construções semânticas de “movimento em direção a” implicam movimento no tempo e no espaço tornando a transição para o futuro mais fácil”. Assim presume-se que a construção *gaa...go*, objeto desse estudo, segue um mesmo destino de construções como ‘*be going to*’, ‘ir a’, ou seja, construções que se iniciaram com o verbo na forma plena e que passaram, num dado momento da língua, a exercer outras funções gramaticais, sendo assim consideradas formas gramaticalizadas.

Em vista do exposto, destacamos a seguir, os objetivos da pesquisa.

Objetivos gerais

a) analisar o processo de gramaticalização do verbo *gaa* (ir) no dialeto suíço-alemão, bem como os aspectos cognitivos da linguagem para explicar o processo de gramaticalização da construção *gaa...go*;

b) Verificar as classes semânticas dos verbos encontrados como verbos principais nas sentenças as quais ‘*gaa*’ é auxiliar.

c) Averiguar o grau de auxiliarização do verbo *gaa*;

d) Aplicar os princípios de gramaticalização de Hopper (1991) à construção ‘*gaa...go*’.

O propósito da pesquisa é analisar os contextos em que o verbo ‘*gaa*’ é usado e as classes semânticas dos verbos por ele auxiliado, com vistas a elucidar o processo de mudança linguística atrelado ao verbo *ir* (*gaa*) e a partícula ‘*go*’. Uma análise dos verbos auxiliados é de extrema importância visto que a auxiliarização apenas de verbos de ação poderia caracterizar, conforme Heine (1993), contextos de ambiguidade, ou seja, a construção poderia ser apenas uma forma de deslocamento para realização de determinada tarefa. Nesse contexto, além de observar o processo de GR desse verbo, investigaremos também os fatores funcionais determinantes do processo.

A hipótese que se tem é de que o verbo *gaa* (*ir*) passou a exercer a função de marcador de futuro a partir da expansão funcional do verbo de movimento *gaa*, e passa também a ser usado com outros verbos não relacionados exclusivamente a construções locativas (mas sim a ações diversas). Trata-se, pois, de um fenômeno de mudança linguística que constitui, segundo Traugott e König (1991), um processo dinâmico e unidirecional, em que um item lexical ou uma construção (conforme Traugott, 2003) adquire um estatuto gramatical/ mais gramatical.

Esta dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos: o primeiro traz o referencial teórico que embasa as hipóteses contidas nesse estudo. Nesse capítulo são apresentados o histórico da GR, os princípios de Hopper (1991), além de aspectos cognitivos da linguagem humana e seus mecanismos, tais como metáforas, analogia, metonimização, que norteiam as análises referentes à gramaticalização da construção aqui estudada. O segundo capítulo é dedicado à metodologia e ao universo da investigação. Além de apresentarmos o *corpus* e a forma como será analisado, damos também uma pequena informação a respeito do dialeto Suíço-alemão e alguns aspectos sociopolíticos. Neste capítulo também se encontra explicitação e explanação do processo de auxiliarização de verbos propensos a se tornarem marcadores de futuro. Dentre esse grupo apresentamos os verbos que possui maior ocorrência em línguas do mundo, os verbos modais e verbos de movimento.

No terceiro capítulo há uma apresentação dos aspectos gerais e tipológicos do dialeto. Muitos dos exemplos são evidenciados por meio de exemplos comparativos com a

língua alemã padrão, o que permite verificar as diferenças e proximidades entre as duas línguas no que se refere à sintaxe e morfologia.

No último capítulo, apresentamos a análise do processo de gramaticalização e auxiliarização do verbo ‘*gaa*’ no dialeto suíço-alemão. Neste capítulo também se encontram a análise da integração do verbo ‘*gaa*’ como auxiliar com as diferentes naturezas semânticas dos verbos predicados encontrados em nosso *corpus* e a aplicação dos princípios de Hopper. O objetivo é comprovar que o verbo está se gramaticalizando no dialeto, assumindo um estatuto mais gramatical, o de auxiliar.

Por fim, as considerações finais encerram a dissertação.

CAPÍTULO 1

1.1. GRAMATICALIZAÇÃO E SEUS PRINCÍPIOS TEÓRICOS

1.1.1 Gramaticalização : histórico e conceitos

Um dos primeiros linguistas a falar em GR, e também a usar o termo, foi Meillet (1912) em seu trabalho denominado “*L’evolution des formes grammaticales*”. No entanto, de acordo com Hopper e Traugott (1993), há alguns registros dessa noção de GR em épocas mais remotas, como por exemplo, na China do século X (1271-1368 D.C) quando um escritor chamado Zhou Bo-qi, da dinastia Yuan, fez comparações entre mudanças de lexemas plenos e vazios. Para Meillet, o surgimento de novas formas gramaticais ocorre por meio de dois processos. O primeiro deles é a analogia, processo pelo qual novos paradigmas surgem através de semelhanças formais a paradigmas já estabelecidos. Um exemplo disso é uma analogia ocorrida no inglês moderno, que trata da substituição do plural da palavra *shoen* (sapatos) por *shoes* através de analogia estabelecida no plural como *Stones* (pedras). O segundo processo ocorre quando novas formas se gramaticalizam, passando de uma palavra antes autônoma para uma de caráter gramatical (apud Traugott, 1993).

Nesse percurso histórico da GR, Gabelentz (1891 apud Hopper e Traugott, 1993) foi um importante linguista que contribuiu muito com seus trabalhos sobre GR. Gabelentz sugere que a GR seja resultado de duas tendências concorrentes; uma tendência em direção à facilidade da articulação, que alguns autores sugerem como a lei do menor esforço, e outra em relação à distinção. A primeira traz mudanças dos sons e diminuição das palavras e a segunda as tornam-se obscuras. Um exemplo dado por Gabelentz para tal teoria (apud Hopper e Traugott 1993) é o que ocorreu no futuro da 1ª pessoa do singular em latim, como no caso do verbo *video* ‘vejo’, que no tempo futuro se declinava para *videbo*, formado pelo sufixo *bo*, e que possuía a forma *b^h wō* – forma definida como a primeira pessoa do singular do verbo ‘ser’ usada como auxiliar. Essa forma era uma antiga construção perifrástica, resultante da junção complexa do verbo principal e um auxiliar (*vide + b^h wō*) e que, depois, tornou-se uma única forma flexional. Mais tarde, essa forma foi substituída pela forma perifrástica *videre habeo*, que logo passou pelo mesmo processo de *videbo* nas línguas latinas. Dessa forma, *videre habeo* tornou-se em italiano *vedere ho > vedrò*; em português *ver hei > verei* e mais

tarde o uso do verbo *ir* como marcador de futuridade. Esse processo de substituição de uma forma já existente na língua por outra forma foi denominado por Meillet como renovação.

Para Lehmann (2002), além da renovação ainda há a inovação, que seria o processo em que determinada construção cria algo inovador, algo não existente antes na língua, como é o caso dos demonstrativos *illum*, *illa*, *illo*, que deram origem aos artigos nas línguas neolatinas – *Il*, *la*, *lo* (no português resultou nos artigos ‘o’, ‘a’). Sendo assim, segundo Gebelentz, as línguas não apresentam um processo linear, mas cíclico. Gabelentz observa que o processo de recriação de formas gramaticais é recorrente e presente nas línguas. Com essas observações, Gabelentz, assim como Meillet, reconheceu que a GR é o estudo das mudanças linguísticas ocorridas nas línguas, um processo não linear, do qual fazem parte as mudanças fonéticas, semânticas, e as construções que passam a formar um único valor semântico.

Para Kurylowicz (1965), a GR é vista como um “processo em que se verifica a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para o mais gramatical”. Croft (2000) diz que GR é um processo pelo qual itens lexicais específicos desenvolvem funções gramaticais, levando a reinterpretação dos itens lexicais como possuidores de funções gramaticais. Já Bybee (2003) concebe a GR como a criação de novas construções, sendo, pois, um meio de fixar padrões, no sentido de que o que se mais usa é o que se regulariza. Segundo Bybee, essa fixação de padrões é devido à frequência de uso de uma dada forma ou construção no processo de interação.

Para Hopper e Traugott (1993), o termo GR possui dois significados, um para um quadro de investigação no âmbito do qual se explicam fenômenos da linguagem e o outro voltado para os fenômenos em si. Nesse contexto, a GR trata do estudo de mudanças da língua em que um item lexical ou construção passa, em certos contextos, a desempenhar uma função gramatical (ou, se já gramatical, passa a desempenhar funções ainda mais gramaticais). Os linguistas também apontam para o fato de que frequentemente ‘palavras funcionais’ (*function words*) têm suas origens em palavras de conteúdos (*content words*). Segundo Hopper e Traugott (1993), normalmente é aceito que algumas distinções podem ser feitas em todas as línguas entre palavras de conteúdo (*content words*), também chamadas de itens lexicais, e palavras funcionais (*function words*). Palavras como *aceitar*, *verde*, *exemplo - verbo*, *adjetivo*, *substantivo* - são exemplos de itens lexicais usados para relatar ou descrever coisas, ações e qualidades. As palavras *de*, *e*, *ou*, *ele*, *isto* são preposição, conectivo, pronome e demonstrativo; são palavras funcionais usadas para fazer ligação de partes do discurso (conectivos), para indicar entidades e participantes em um discurso, se já estão identificados

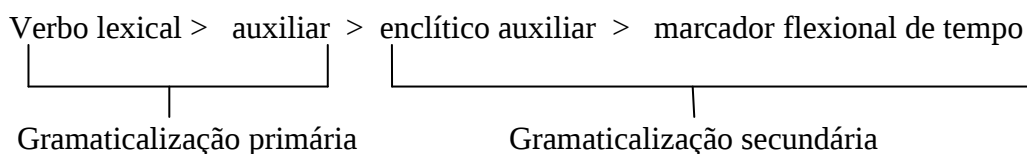
(pronomes e artigos) e mostrar se elas estão próximas ao falante ou ao ouvinte (demonstrativos). Assim quando uma palavra de conteúdo assume características de uma palavra funcional, tem-se um caso de GR. Ainda de acordo com Hopper e Traugott, é com muita frequência que o que se gramaticaliza não se configura apenas em uma palavra, mas uma construção completa que inclui essa palavra. Um exemplo disso é a construção analisada na presente dissertação, *gaa... go*.

1.1.2. Gramaticalização primária e secundária

O processo de GR pode ainda ser entendido em dois sentidos: primário e secundário. Os termos foram introduzidos por Traugott (2002) e se referem basicamente a dois tipos de mudanças identificada na definição de Kuryłowicz¹ (1965): “Gramaticalização consiste no aumento de extensão de um morfema que avança de um status lexical para gramatical ou de gramatical para ainda mais gramatical”. Traugott argumenta que a primeira parte da definição de Kuryłowicz refere-se a um sentido primário (*primary grammaticalization*) de GR, processo pelo qual categorias lexicais e construções com materiais lexicais desenvolvem, em específicos contextos morfossintáticos, em GRAMS (funções gramaticais), isto é, tornam-se membros de categorias funcionais, incluindo marcadores de tempo e aspecto. Em suma, a GR primária tem sido usada para se referir as mudanças de um item lexical para um item gramatical.

Nesses sentidos propostos por Traugott, para a autora, Givón (1979) e Heine (1991) concebem o processo de GR no sentido secundário (*secondary grammaticalization*) que diz respeito a um aumento nas correlações formais de GR como fusão morfológica e erosão fonética. Dessa forma a gramaticalização secundária é entendida como a passagem de um item gramatical para um item ‘mais gramatical’. Um exemplo de GR secundária é quando auxiliares tornam-se cliticizados (*will – ’ll*).

De acordo com Norde (2012:06) GR primária e secundária podem formar uma gramaticalização em cadeia, como podemos observar na figura a seguir:



¹ Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a grammatical to a more grammatical status. (Kuryłowicz 1965: 52).

Para Givón (1979), a origem do processo de GR teria uma motivação pragmático-discursiva. A partir de estágios diacrônicos, Givón tenta representar os processos de regularização do uso da língua, como segue:

Discurso > sintaxe > Morfologia > Morfonologia > zero (GIVÓN, 1979)

O discurso é o princípio do processo de GR, pois é nele que surgem, segundo Givón, os itens lexicais ou as construções usadas ocasionalmente. Conforme o autor, apesar de possuírem funções gramaticais, o uso dessas formas/construções não é sistemático e fixo. Devido à repetição, o item lexical ou construção torna-se mais regular com determinada estruturação sintático-morfológica, tornando-se, cada vez mais, obrigatória, e sua posição, cada vez mais rígida na estrutura sintática, não permitindo inversão ou intercalação com outros elementos, ou seja, a invariabilidade sintagmática, que ocorre na morfologia. Alterações fonológicas podem aparecer devido à frequência de uso, podendo, em certos casos haver o desaparecimento da forma gramaticalizada, chegando, dessa maneira, ao estágio zero, onde outro item ou construção é escolhido para substituí-lo formal e funcionalmente, iniciando-se assim um novo ciclo.

Para Heine (1991) a GR de expressões linguísticas envolve quatro mecanismos inter-relacionados:

- i. Dessemantização (ou ‘*bleaching*’, redução semântica): que consiste na perda de conteúdo semântico;
- ii. Extensão (ou generalização de contexto): o uso em novos contextos;
- iii. Descategorização: perda de propriedades morfossintáticas de elementos fontes da GR, incluindo perda de *status* de palavra independente (Cliticização e afixação);
- iv. Erosão (ou “redução fonética”): a perda em substância fonética.

De acordo com Heine, cada mecanismo é relacionado com diferentes aspectos da estrutura da língua ou uso da língua: (i) relaciona-se a aspectos semânticos, (ii) pragmáticos, (iii) a morfossintaxe e (iv) a fonéticos. O linguista ainda observa que enquanto três desses mecanismos envolvem a perda de propriedades, há por outro lado ganhos, como usos em novos contextos.

Cada um desses mecanismos vistos anteriormente dá origem a uma evolução que Heine descreve como um modelo de três estágios, denominado por ele de ‘modelo de justaposição’ (*overlap model*):

- i. Há uma expressão linguística ‘A’ que é restabelecida pela GR.
- ii. Esta expressão adquire um segundo padrão de uso, B, com ambiguidade entre ‘A’ e ‘B’.
- iii. Finalmente ‘A’ é perdido, ou seja, existe agora somente ‘B’.

Nesse sentido, Heine afirma que o resultado desse processo de GR exhibe um tipo de cadeia estrutural. Conforme observação do autor, todos os casos de GR de fato precedem o estágio (iii); podendo o processo ficar preso no estágio (ii); no entanto uma vez alcançado o estágio (iii), B tende a se convencionalizar, ou seja, tornar-se uma nova categoria gramatical.

Lehmann (2002) acredita que a GR, além de unidirecional, também passa por estágios de GR, o que o leva a dizer que a GR é um processo gradual. Lehmann sugere que a GR se inicia a partir de um arranjo de palavras lexicais potencialmente inflexivas no discurso, isto é, convertidas em uma construção sintática. Ao fenômeno, Lehmann denominou sintaticização, processo pelo qual alguns lexemas assumem funções gramaticais de modo que a construção passa a ser chamada de analítica. Na morfologização, que, para Lehmann, significa o mesmo que aglutinação, reduz-se a construção analítica para a sintética e, então, essa formação gramatical torna-se afixos aglutinantes. Na etapa seguinte, a unidade de palavra é comprimida como mudança técnica aglutinativa para flexional, essa transição de morfologia para morfomênicos é denominada por Lehmann de demorfemização, que para Givón seria a lexicalização. A última é a fase em que uma expressão de conteúdo se torna zero.

Como exemplos dos ‘estágios de Lehmann’ e também do ‘ciclo de Givón’ podemos citar o clássico exemplo da GR do verbo latino ‘*habere*’. A fase zero da GR de *habere* poderia ser considerada o desuso da forma sintética, uma vez que o falante do português brasileiro tenha introduzido no ‘discurso’ uma nova construção para se referir ao tempo futuro – a construção do português *ir+verbo* infinitivo. Os estágios de Lehmann também se encaixam perfeitamente na descrição da GR de ‘*habere*’, demonstrando a evolução do morfema gramaticalizado que passa a exercer funções analíticas, em seguida no processo sintético (aglutinante e flexional) a forma se torna única devido a aglutinação/ cliticização; e por fim alcançando seu estágio zero quando entra em desuso dando lugar a uma nova forma de se referir ao tempo verbal em questão.

Estágios da GR, segundo Lehmann

Quadro 1 - estágios da GR							
Nível	Discurso		Sintaxe		Morfologia		Morfofonêmica
Técnica	Isolante	>	Analítica	>	Sintético aglutinante	>	Zero
Fase	sintatização		morfologização		demorfemização		perda
Processo							

(LEHMANN, 2002, p.12)

1.1.3. Os princípios de Hopper

Hopper (1991) propôs seis princípios que permitem avaliar/aferir o grau de GR de itens linguísticos que se encontram em um processo inicial de gramaticalização. Segundo o linguista esses princípios complementam os parâmetros de Lehmann, os quais são normalmente utilizados em análises de processos mais avançados de GR. Vejamos:

Estratificação (*layering*)

Refere-se às novas formas funcionais que surgem do processo de GR. De acordo com Hopper, o item que está se gramaticalizando pode ou não substituir a forma anterior, podendo, em certo caso, coexistir com outras formas. Conforme Hopper (1991:22), ‘dentro de um domínio funcional, novas camadas estão continuamente emergindo. Como isso acontece, as velhas camadas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer, coexistir e interagir com as novas camadas’. O autor argumenta que “domínio funcional” trata-se de alguma área funcional geral, tal como tempo/aspecto/modalidade, caso, referência etc, do tipo que frequentemente torna-se gramaticalizado.

Conforme o autor argumenta, é muito frequente o uso de duas camadas ou mais para servir a funções similares, ou até mesmo, idênticas. As camadas podem ainda ser especializadas para itens lexicais particulares, classes de construções particulares, ou registros sociolinguísticos, podendo ter significados levemente diferenciados, ou serem simplesmente reconhecidos como “alternativas” estilísticas. Hopper ainda salienta que a estratificação representa meramente uma transição de uma forma gramaticalizada para a outra, alternâncias

fonológicas, afixação, perífrases com verbos auxiliares podem exemplificar muito bem os diferentes graus de GR alcançado por diferentes camadas.

Os tempos e aspectos da língua inglesa fornecem, de acordo com o linguista, bons exemplos de estratificação. No tempo passado (*past tense*) é possível distinguir uma camada arcaica de alterações de vogal nos verbos fortes como *drive/drove*, *take* e *took*. Tais formas convivem com formas mais recentes que fazem uso do sufixo ‘-ed’, como em *finish/finished*, *use/used*. O autor comenta a possibilidade do sufixo ‘ed’ ter sido derivado de um verbo cognato do verbo ‘do’. Para Hopper *Ablaut*² e afixação geralmente representam camadas mais antigas, assim como podemos observar o exemplo dado pelo autor:

(a) Perífrase	<i>we have used it</i> (camada mais nova)
(b) Afixação	<i>I admired it</i> (camada antiga)
(c) <i>Ablaut</i>	<i>They sang</i> (camada mais antiga)

Divergência

A divergência diz respeito ao uso da forma antiga e a nova forma gramaticalizada em diferentes contextos. Nesse sentido, o princípio da divergência resulta em pares ou múltiplas formas, tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. A forma gramaticalizada pode ser fonologicamente idêntica à forma lexical autônoma, como aponta Meillet na formação da negação na língua francesa, por exemplo, (A forma de negação do francês ‘*pas*’ e sua forma cognata ‘*pas*’ (passo)). Pode ainda haver formas tão distintas cuja relação é completamente opaca, como as formas ‘*an*’ e ‘*one*’ do inglês.

Como Hopper afirma, a diferença entre estratificação e divergência é que a primeira envolve diferentes graus de GR em domínios funcionais similares, enquanto a segunda apresenta divergência aplicáveis a casos nos quais um item lexical se torna gramaticalizado em um contexto e não gramaticalizado em outro. O autor salienta que nem sempre é possível marcar clara distinção entre a divergência e a estratificação visto que divergências múltiplas podem resultar em várias camadas. Hopper lembra como exemplo que verbo *habere* do Latim formou um afixo de tempo futuro no francês moderno, no

² *Ablaut* é um termo alemão cunhado em meados do século XIX por Jacob Grimm para designar a apofonia (variações regulares de vogais) na língua proto indo-europeu que influenciou significativamente as modernas línguas indo-europeias. Um exemplo de ablaut pode ser visto na conjugação do verbo inglês ‘sing’ > sang > sung.

entanto o verbo *habere* também deu origem ao verbo francês *avoir* (ter). E por sua vez o verbo *avoir* deu origem ao auxiliar do perfeito (*j'ai vu*). Desse modo, temos '*j'ai*' gramaticalizado como auxiliar de tempo-aspecto ao lado de forma plena do verbo (*avoir* – ter), divergência; contudo o morfema ainda constitui uma camada secundária de GR, exercendo função de perífrase marcadora de tempo-aspecto perfeito ao lado do antigo sufixo marcador de tempo futuro.

Especialização

O princípio da Especialização evidencia a ocorrência do item gramaticalizado; nesse caso, quanto menos chances de esse item ser substituído, maior será o seu grau de GR. De acordo com Hopper, este princípio é muito próximo da “obrigatoriedade”, e leva à redução de escolha quando uma forma está completamente gramaticalizada. No entanto, na especialização há apenas uma possível mudança que pode ou não culminar com a GR de um elemento.

Um exemplo disso pode ser visto na especialização de '*pas*', que antes de se gramaticalizar com '*ne*', na negação em francês, era utilizado (especializado) somente com verbos de movimentos. Segundo Hopper, '*pas*' era uma das várias formas usadas no francês antigo para reforçar uma negação. Dessa forma verbos de movimentos eram reforçados por '*pas*' ('ele não vai um passo'), verbos de dar e comer reforçados com *mie* (ele não comeu uma migalha) etc. Gamillscheg (1957 *apud* Hopper 1991) listou várias ocorrências de palavras que podiam ser usadas como reforço de negação no francês antigo, entretanto por volta do século 16 as únicas usadas eram:

<i>Pas</i>	(<i>passo</i>)
<i>Point</i>	(<i>ponto</i>)
<i>Mie</i>	(<i>migalha</i>)
<i>Gote</i>	(<i>gota</i>)

Com o passar do tempo, '*pas*' acabou se tornando uma forma de negação geral, estendendo assim seu uso ao demais verbos. Atualmente na língua falada normalmente a negação "*ne pas*" pode ser feita, em alguns casos, somente com a utilização de '*pas*' (*pas de*

probleme). Para Hopper o uso de ‘*pas*’ sem ‘*ne*’ pode ser caracterizado como um estágio de obrigatoriedade.

Persistência:

O princípio da Persistência refere-se ao fato de um item gramaticalizado ainda guardar traços da forma original, o que pode causar estreitamento das opções de codificação de determinada função. O princípio, de acordo com Hopper, está relacionado ao significado e a função de uma forma gramatical com seu histórico como morfema lexical. Segundo o linguista, essa relação é frequentemente obscurecida no estágio de morfologização, mas durante estágios intermediários espera-se que a forma reflita um significado dominante.

O trabalho de Bybee e Pagliuca (1986), no qual se discutem os contextos em que verbos auxiliares podem assumir sua forma semântica original é, segundo Hopper, um exemplo de persistência. Dessa forma, o auxiliar ‘*will*’, que emergiu de um verbo volitivo, pode em certos contextos apresentar seu significado original e em outros a intenção. Nesse sentido, as diferenças de usos de ‘*will*’, ‘*shall*’ e ‘*going to*’ podem ser entendidas como uma continuação de seus significados lexicais originais.

Descategorização

A Descategorização diz respeito à perda de traços morfológicos e sintáticos de elementos de conteúdos (lexicais – nomes, verbos, adjetivos), quando a forma gramaticalizada assume propriedades de elementos funcionais (gramaticais – preposições, conjunções, advérbios). A descategorização é então aplicada ao conjunto de processos de perdas de propriedades morfossintáticas de substantivos ou verbos no processo de mudança de item lexical a elemento gramatical, ou seja, assumem atributos característicos de categorias secundárias.

Um exemplo de descategorização (semântica) pode ser identificado na gramaticalização do verbo ‘*willan*’ do inglês arcaico. O verbo que antes era usado em forma plena para expressar desejo ou volição, por meio de um processo de GR passou a ser usado como um verbo auxiliar, perdendo assim a propriedade de ser centro da predição e passando, ou seja perdendo sua propriedade de verbo pleno, sendo dessa modo uma forma descategorizada.

1.1.4. O papel da frequência na gramaticalização

Outro aspecto importante nas teorias sobre GR é o papel da frequência no processo de GR. Argumenta-se que a alta frequência seja a responsável pela gênese de combinações fixas de palavras – palavras frequentes tendem a se tornar fixas, autônomas e são processadas como itens holísticos. A habituação de Meillet (1965) já levava em consideração o papel da repetição no desenvolvimento das formas gramaticais: (i) a cada vez que um mesmo item linguístico é empregado, seu valor expressivo diminui, (ii) uma palavra não é entendida duas vezes com a mesma intensidade.

Conforme Hopper e Traugott (1993), a frequência textual tem sido reconhecida há um longo tempo como processo concomitante a GR e tem assumido um posto importante em estudos empíricos de como formas lexicais tornam-se regras gramaticais. Segundo os autores, há duas formas de se distinguir frequência: frequência de *types* (*types frequency*) e frequência de *token* (*token frequency*). A frequência *type* refere-se ao número de itens que são disponíveis a uma classe particular de formas. Um exemplo de *type* dado em Hopper e Traugott são os substantivos ingleses que formam seu plural com a adição de “s”, de alta frequência, e os substantivos que formam plural com “en”, de frequência muito baixa. Outro exemplo também observado pelos autores são os verbos ingleses que formam o tempo passado com a adição do sufixo ‘-ed’, tais como *walked*, *stopped*, muito frequentes, e os verbos em cuja formação de tempo passado troca-se [ai] por [o] como em *drive/drove*, de frequência muito baixa. A frequência de *token* refere-se a número de vezes que uma forma particular, tais como *I guess* e *You know* ocorre em textos.

Segundo Hopper e Traugott, há tipos de mudanças características da GR de formas lexicais – esvazamento semântico, redução fonética, posição fixa, apagamento de fronteira entre palavras – que são inseparáveis da frequência absoluta das formas e da frequência com que elas coocorrem com outras formas. Citando Haiman (1994), os autores argumentam que a repetição de determinadas formas podem levar a “liberação” ou “emancipação” de seus contextos de discursos anteriores a um aumento de liberdade em associá-las a uma maior variedade de outras formas. Conforme o exemplo dado pelos autores, tal afirmação pode ser averiguada no aumento de contextos a que a forma francesa ‘*pas*’ (passo) passou a ser associada. A forma *pas* em seus contextos iniciais era usada como um reforço na negação de movimentos físicos ‘Não ande um passo’; com a alta frequência de uso houve um aumento na liberdade de associar ‘*pas*’ a outros verbos. Dessa forma, tal processo se encaixa

perfeitamente na redefinição de GR de Bybee (2003), que contempla a frequência, tendo a GR como um processo pelo qual uma sequência de morfemas ou palavras frequentemente utilizada torna-se automatizada como uma única unidade de processamento.

Bybee (2010) cogita a possibilidade de que fenômenos estruturais observados na gramática das línguas naturais possam ser derivados de um processo cognitivo geral. De acordo com Bybee, esse processo se inicia no uso e repetição de certas construções da língua. De acordo com pesquisas realizadas sobre o processo de mudança linguística, chega-se à conclusão de que o processo de GR ocorre no uso da língua, sendo a repetição um importante fator p de mudança. Uma instância particular torna-se um *chunking*, que é a criação de construções que são convencionalmente usadas juntas e frequentemente possuem um significado especial e acabam, devido ao frequente uso, tornando-se uma forma fixa; e a frequência e uso de um *chunking* pode passar inclusive por uma redução fonética. Formas que frequentemente ocorrem adjacentes uma a outra podem até mesmo se fundirem e tornaram-se uma única palavra como um afixo ou clítico.

De acordo com Bybee (2010), uma grande descoberta que tem emergido em estudos quantitativos de redução fonética é que palavras com a alta frequência de repetições passam por mais mudanças ou mudam em um ritmo mais rápido do que as palavras com baixa frequência. Quanto à sintaxe, Bybee afirma que quando duas ou mais palavras são usadas juntas também desenvolvem uma relação sequencial, um '*chunking*', e a força dessa relação sequencial é determinada pela frequência com que as duas palavras aparecem juntas. Assim, segundo Bybee, a frequência com a qual essas construções são usadas tem um impacto nas propriedades fonéticas, morfossintáticas e semânticas.

1.1.5. Visão cognitivista no processo de GR e os mecanismos de mudanças semânticas

A linguística cognitiva é uma abordagem que surgiu nos finais da década de 70 e início de 80, tendo como foco pesquisas em mudança semântica e a explicação do fenômeno da significação. A visão cognitivista de mudança de significado é baseada no conhecimento humano e está em conexão com a experiência humana do mundo. Segundo Bybee (2010), a língua exibe uma aparente estrutura e regularidade de padronização, ao mesmo tempo em que mostra uma considerável variação em todos os níveis: "línguas se diferem umas das outras, embora sejam moldadas pelos mesmos princípios" (BYBEE, 2010:01). De acordo com Bybee, construções em diversas línguas obedecem a funções similares e são baseadas em

princípios similares, ainda que apresentem divergências em formas específicas. Assim as línguas mudam com o tempo, mas relativamente a formas regulares.

Segundo Traugott e Dasher (2002), em mudança semântica há dois mecanismos reconhecidos que envolvem processos cognitivos: a analogia e a reanálise. A analogia atua no eixo paradigmático e reflete a preferência do falante por padrões regulares a padrões irregulares. Um exemplo de analogia pode ser visto na regularização do plural do inglês, *-e*, *-em*, *-an*, *-u*, *-a*, $\emptyset$ substituídos por *(e)s*. Sendo assim a analogia possui um grande papel na mudança morfológica. Já a reanálise é responsável por mudanças na estrutura de uma expressão ou classe de uma expressão, tendo a fusão (raiz+afixo) como fenômeno de GR mais frequente. Um exemplo de reanálise pode ser visto no caso do sufixo *mente*: *clara +mente = claramente*.

Ainda, conforme Traugott e Dasher há ainda dois mecanismos de mudança semântica: metáfora e metonímia ou ainda metaforização e metonimização, ambos os mecanismos entendidos como fenômenos conceptuais. Segundo Lakoff e Johnson (1980), como a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos no pensar e no agir, a linguagem é uma fonte importante de evidência de que esse sistema seja semelhante. Dando uma exemplificação para o entendimento do que se trata uma metáfora conceptual, Lakoff toma como exemplo a DISCUSSÃO e a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, e cita exemplos como: ‘ele atacou um ponto fraco meu’, ‘vou usar minhas estratégias’, ‘defendo esta ideia’. Em uma discussão, com argumentos dos exemplos apresentados, há o estabelecimento de analogias estruturais entre os dois domínios (discussão e guerra), dessa forma observa-se a evidência de que vemos a pessoa com quem estamos argumentando como um oponente: atacamos suas posições e defendemos a nossa. Segundo o autor, embora não haja uma batalha física, há uma batalha verbal e a estrutura de um argumento: atacar, defender, estratégias. Nesse sentido, como define o autor, a essência da metáfora pode ser entendida como a compreensão e a experiência de uma coisa em termos de outra, ficando claro que conceptualizamos muitos domínios da experiência por meio de metáforas conceptuais.

Quanto à diferença existente entre metaforização e metonimização, pode se afirmar que enquanto a primeira é interpretada como o mapeamento analógico de um termo mais concreto de um domínio “fonte” para um termo mais abstrato no domínio “alvo”, a segunda ocorre dentro de um mesmo domínio, ativando e realçando uma categoria ou um sub-domínio por referência a outra categoria ou a outro sub-domínio do mesmo domínio.

Traugott e Dasher afirmam que durante a maior parte do século XX, a metaforização é vista como o maior fator de mudança semântica. Um dos exemplos mais atestados e estudados como exemplo de metaforização é a transferência de ESPAÇO > TEMPO, envolvendo verbos de movimento (Bybee et al 1994 e Dahl 1985)). Por meio de dados obtidos em línguas não relacionadas geograficamente pode se constatar que a relação de espaço e tempo é extremamente difundida em línguas do mundo, o que permite afirmar que a transferência de ESPAÇO > TEMPO (domínio concreto para domínio abstrato) é universal e, por conseguinte, um aspecto cognitivo humano. Heine (1993, 1997) também argumenta que a explicação de tais recorrências pode estar relacionada ao fato de que as metáforas são baseadas em constantes universais humanos. De acordo com Halpessmath (1997), espaço e tempo estão ligados um ao outro por meio do pensamento humano e que uma maneira de conceber essa relação é afirmar que expressões de tempo são baseadas em expressões de espaço e que a transferência é, como já vimos, um tipo de metáfora conceptual.

Como veremos na seção sobre verbos auxiliares deste trabalho, verbos de movimentos são verbos fontes em diferentes línguas na GR de marcadores de tempo, fato que evidencia a transferência de sentido de ‘espaço’ para ‘tempo’. Segundo Eckardt (2007), uma vez estabelecida analogia por introspecção é quase impossível excluir que a analogia tenha de fato aprimorado a mudança de significado no período crucial da GR. No entanto, como também salienta Eckardt, ainda há casos em que a mudança de sentido não tem como ser explicada através dessa visão teórica, como por exemplo, o uso do verbo ‘dizer’ como marcador de tempo em línguas Bantus do centro-leste da África.

Já a metonímia (ou ainda metonimização) é entendida como um mecanismo conceitual no qual há a solicitação de inferências em dada associação, fluxo de fala ou escrita, o que vem a se tornar semantizado ao longo do tempo. Para Ulmman (1964, apud Traugott e Dasher, 2002:28) ‘a metonímia é menos interessante que a metáfora já que não há a descobertas de novas relações, só promove associação entre palavras já relacionadas uma com a outra; no entanto, Ulmman reconhece a metonímia como ‘um importante fator de mudança semântica’.

Conforme Traugott e Dasher, exemplos tradicionais tendem a limitar-se a fenômenos como contiguidade ou associação de um tipo abertamente acessível. Assim a metonimização pode considerar a relação da parte com o todo ou usar de um aspecto bem conhecido (muitas vezes saliente) de algo para representar o todo, por exemplo, Washington “(um lugar) para representar um local onde está centralizado o poder do governo federal; pode haver ainda a elipse, em que há a omissão de uma palavra óbvia, como ‘grève’ para ‘*La place de grève*’”,

ou seja, a palavra ‘*grève*’ passou a representar um todo por meio do processo de metonimização. Desse modo, em mudança semântica por metonimização, como afirmam Traugott e Dasher, é sempre observado que um termo de uma parte será um termo para o todo, mas não vice versa.

1.1.6. Outros mecanismos de mudança semântica

Bybee (2003a) afirma que a abordagem que estuda a forma como um significado gramatical se desenvolve a partir de um significado lexical tem muito a contribuir com o entendimento da gramática e seu significado. Desse modo, além dos mecanismos cognitivos apresentados na seção anterior (analogia, reanálise, metaforização e metonimização), há alguns mecanismos de mudança semântica que complementam as mudanças vistas anteriormente e que segundo a linguista, são: emancipação, a inferência pragmática, generalização ou *bleaching* como habituação e categorização.

Emancipação

Emancipação pode ser entendida como uma sequência de palavras que originalmente tinha um significado literal ou função instrumental; perde-se então sua função instrumental e se torna um símbolo para a situação devido à repetição em um determinado contexto, ocorrendo assim a evolução de um item lexical para uma forma gramatical. O uso em que a construção *gaa...go* passa a ter em determinados contextos que sugerem intenção demonstra uma emancipação do sentido inicial, movimento no espaço. Observemos o seguinte texto, de Baur (1971:29):

(a) A-Woane *gönd* er dänn Mitenand eso früe am Morge?

B-Mer *gönd* allwääg as Utogöö, oder villicht gömer au echli wyter gäges Zurihorn zue.

A-Was tüend er dänn deet?

B-Mer *gönd* doch *go* fische

A- Aonde todos vocês vão tão cedo assim?

B- Nós vamos provavelmente para Utoquai, ou talvez vamos também um pouco mais adiante até Zurihorn.

A- O que vocês farão lá?

B- Nós vamos pescar.

Há duas questões feitas pelo falante A, uma sobre movimento (aonde os personagens de B iriam tão cedo) e uma sobre intenção (o que iriam fazer no local onde pretendiam ir). Na primeira, nota-se que a questão de A refere-se apenas a movimento, e que não há o uso da partícula *go*; já a segunda pergunta feita por A (sem o uso do verbo ‘ir’ mas com a conjunção *dänn*, que é usada também como marcadora de futuridade) revela uma curiosidade a respeito da intenção ou finalidade de B, que, por sua vez, responde com a construção aqui estudada. Assim, de acordo com Bybee, a frequente associação de uma construção como as de *ir*+infinitivo, *be going to* e *gaa...go*, em contextos na qual a intenção do sujeito está sendo revelada, leva à gradual emancipação de seu significado original de movimento no espaço. Então, a nova função de expressar intenção também se torna gradualmente a função principal da construção.

Inferência pragmática

Segundo Bybee, entre os mecanismos de mudança semântica, a habilidade de fazer inferências é algo amplamente aceito como uma importante característica do processo de comunicação, assim de acordo com Bybee:

“ [...]O falante deve ser capaz de julgar quais detalhes o ouvinte pode fornecer e formular adequadamente a sua elocução, e o ouvinte deve completar em detalhes não fornecidos pelo falante. Deste modo o falante está constantemente se perguntando ‘porque ele(a) está me perguntando ou me dizendo isso’ (Bybee, 2003:10).³

Traugott (1989, 1995 *apud* Bybee (2003a)) identificou vários padrões importantes de inferência que criam mudança semântica em GR, padrões esses que levam a expressão a um significado gramatical mais abstrato. Traugott argumenta que significado proposicional mais concreto (lexical), descrevendo situações externas, tais como o movimento ou a localização espacial, supostamente possuem significados que descrevem situações internas (avaliativa, perceptual ou cognitivo), como intenção, no caso da construção aqui estudada. Ainda, de acordo com Bybee, quando um mesmo padrão de inferência ocorre frequentemente

³ Tradução do trecho: [...] “the speaker must be able to judge which details the hearer can supply and formulate his/her utterances accordingly, and the hearer must fill in details not supplied by the speaker. Thus, the hearer is constantly asking ‘why is s/he asking me or telling me this?’”

com uma construção gramatical particular, essas inferências podem se tornar partes de um significado da construção.

Generalização ou “bleaching” como habituação

Outro importante mecanismo de mudança em gramaticalização, segundo Bybee, está relacionado à habituação. Há muitos exemplos na literatura que apontam que morfemas gramaticais perdem seus significados lexicais originais e se tornam mais gerais e abstratos. *Bleaching* ou apagamento semântico pode ser definido como um processo de diminuição da força de uma palavra por meio de generalização de significado.

Segundo Bybee, a perda de especificidade de significado faz com que o morfema se torne aplicável em uma maior variedade de contextos, como por exemplo, a construção ‘*be going*’. Como há uma perda em seu sentido de movimento no espaço, o verbo pode ser usado com uma maior variedade de sujeitos, incluindo sujeitos inanimados. Outro exemplo é o verbo *werden*, que se tornou auxiliar para marcação de futuro na língua alemã e em alguns dialetos como o suíço-alemão. O morfema que possui o significado de ‘tornar-se’ é usado com qualquer substantivo ou sujeito e qualquer classe de verbo. Algo responsável por essa perda de especificidade é a repetição que, conforme já comentamos, para Bybee é a frequência de uso de uma construção que causa a generalização ou o *bleaching*, já que uma construção generalizada pode ser usada em número maior de contextos, aumentando assim o grau de gramaticalização.

Categorização

O último mecanismo apontado por Bybee é a categorização, que pode ser definida como a forma de categorizar formas linguísticas. De acordo com a autora, algumas construções requerem categorias específicas e essas categorias são baseadas em experiências que possuímos com determinada construção. As categorias por sua vez são criadas para classificar objetos culturais e naturais com base em nossas experiências de mundo. Construções, conforme afirma a autora, sempre possuem uma abertura variável que, por sua vez, é restrita a certos itens de uma categoria. Essas categorias são normalmente definidas semanticamente com termos como ‘humanos’, ‘volicional’, ‘mudança de estado’ e assim por diante.

Assim, Bybee diz que uma vez observado que categorias gramaticais e construções são derivadas de experiências com a língua, não há razão para supor que elas sejam inatas. Observar os universais de gramaticalização entre as línguas, tais como a de ‘verbos de movimento + infinitivo’, nos leva a crer, como conclui Bybee, que subjacentes a esses universais de mudança há realmente os universais cognitivos e comunicativos.

1.2. VERBOS AUXILIARES E AUXILIARIZAÇÃO

1.2.1. Definição, gênese e desenvolvimento

Para Heine (1993:70), verbo auxiliar é um item lexical verbal que passa a exercer função de afixo/partícula funcional, a partir do qual tende a ser ao menos um pouco apagado (*bleached*) semanticamente e mais gramaticalizado para expressar uma ou mais variação de categorias verbais, mais tipicamente categorias aspectuais e modais, mas também, categorias temporais, negação e voz.

Outra definição é encontrada em Anderson (2007:07), que define verbo auxiliar como “um elemento que em combinação com um verbo principal forma uma sentença mono clausal com algum grau de apagamento semântico (lexical) e que realiza alguma função gramatical mais ou menos definível”⁴.

Ainda, para Machado Vieira (2004), o termo auxiliaridade é a denominação dada ao comportamento instrumental que uma unidade verbal pode desempenhar num *continuum* de sentidos/usos na língua. Definimos então que a trajetória de verbo predador a verbo instrumental inicia-se com verbos predadores que deixam de apresentar, de modo transparente e em determinados casos, certas propriedades relativas à sua configuração semântica e sintática prototípica de verbo principal/pleno e passa a assumir outras funções, como a de auxiliar.

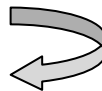
Segundo Kuteva (2001:1), no desenvolvimento de verbos principais a verbos auxiliares há uma mudança morfossintática envolvida no processo. Assim, a mudança

⁴ No original: [...] “Auxiliary verbs can be considered to be an element that in combination with a lexical verb forms a monoclausal verb phrase with some degree of (lexical) semantic bleaching that performs some more or less definable grammatical function.”

morfossintática pela qual uma estrutura lexical passa a funcionar como uma estrutura gramatical pode ser esquematizada da seguinte forma:

(1) Verbo – complemento

(2) Marcador gramatical – verbo principal



(adaptado de Kuteva 2001:1)

De acordo com Kuteva, o processo que liga (1) a (2) não envolve somente a mudança morfossintática, mas também mudanças semânticas e fonológicas. Conforme o esquema proposto por Kuteva, verbos auxiliares não emergem de um verbo isolado, mas sim de construções nas quais os verbos são combinados com outros itens linguísticos. Em outras palavras, no curso da auxiliarização, a estrutura ‘verbo principal – complemento’ evolui para a estrutura gramatical ‘marcador gramatical – verbo principal’. Dessa forma, características como mudança de significado e redução fonética são processos que fazem parte da GR, logo o fenômeno da auxiliarização é algo intrinsecamente ligado à GR.

Para Heine (1993), a estrutura ‘marcador gramatical – verbo principal’ não é o ponto final do processo de auxiliarização. Conforme o autor, o processo de auxiliarização é tido como um *continuum* em direção a uma forma afixal – processo esse denominado pelo linguista de ‘cadeia verbo para TAM’ (Tempo, Aspecto e Modo). Tal processo pode ser observado na formação do tempo futuro da 1ª pessoa do singular em latim, como no caso do verbo *video* (veja) que no tempo futuro se declinava para *videbo*, formado pelo sufixo *bo*, e que possuía a forma *b^h wō* – forma definida como a primeira pessoa do singular do verbo ‘ser’ usada como auxiliar. Essa forma era uma antiga construção perifrástica, resultante da junção complexa de verbo principal e um auxiliar (*vide* + *b^h wō*) e que, depois, tornou-se uma única forma flexional. Mais tarde, essa forma foi substituída pela forma perifrástica *videre habeo* (ver tenho), que logo passou pelo mesmo processo de *videbo* nas línguas latinas. Dessa forma, *videre habeo* tornou-se *vedere ho* > *vedrò*, na língua italiana; em português *ver hei* > *verei*. Notadamente um *continuum* de verbo para formas afixas.

O processo de GR da ‘cadeia verbo para TAM’ pode se proceder em diferentes estágios. Heine propôs 7 estágios como forma de aproximação; são eles:

Estágio A – O verbo possui sua forma plena de significado e leva um argumento que tipicamente se refere a objeto concreto, como em ‘eu vou ao mercado’.

Estágio B – O verbo possui sua forma plena, porém leva um argumento que tipicamente se refere a uma situação dinâmica, como ‘eu vou comer agora’. O complemento pode ter

diferentes formas, tais como um infinitivo, um gerúndio, um particípio, ou uma sentença completa.

Estágio C – Há neste estágio um afrouxamento das restrições quanto ao significado lexical, e o verbo adquire significado gramatical. É, também, neste estágio que os itens tendem a formar uma única unidade semântica com seus complementos, como em ‘eu vou ficar aqui’(futuro).

Estágio D – Há a perda de variedade morfológica. Itens do estágio ‘D’ perdem sua habilidade de formar imperativos, nominalização ou passiva. Itens apresentam sinais de decategorização; os verbos não se comportam mais como verbos plenos. Há menos tipos de complementos que o estágio C.

Estágio E – Neste estágio, emergem indicadores sintáticos de decategorização; há perda da capacidade de serem negados separadamente; não podem ser separados de seus complementos por topicalização. Itens nesse estágio podem começar a se cliticizar a complemento verbal e perder substância fonológica. No que tange à semântica desses itens, pode se afirmar que nesse estágio codificam significado gramatical.

Estágio F – Estágio que marca a transição de um clítico para um afixo. O item gramaticalizado ainda pode ainda carregar um acento tônico secundário.

Estágio G – O afixo se reduz fonologicamente para um afixo monossilábico sem acento tônico.

Heine (1993) também propôs algumas propriedades que são usadas como métodos para medir o grau de GR dos auxiliares. De acordo com o autor (1993:22,23), ‘baseado em observações de uma variedade de línguas, os seguintes atributos parecem estar frequentemente em conexão com a descrição de auxiliares’:

- a. Auxiliares tendem a fornecer expressões para uma pequena gama de domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo, aspecto e modalidade, também possível para negação e voz.
- b. Formam um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- c. Não são manifestadamente unidade lexical nem gramatical.
- d. Também ocorrem como verbo pleno.
- e. Expressam funções gramaticais, mas apresentam, em certa medida, uma morfossintaxe verbal.
- f. Apesar de possuírem algumas propriedades verbais, eles também demonstram um reduzido comportamento verbal, possuindo, por exemplo, “paradigmas altamente defectivos”. Tipicamente podem estar associado apenas a restrita gama de distinção de

tempo/aspecto e/ou flexões verbais; não podem ser apassivados e não possuem formas imperativas; alguns autores assinalam que auxiliares não podem ser negados independentemente.

- g. Podem não ser o principal predicado (semântico) da oração.
- h. Podem possuir duas variantes livres, uma forma plena (como por exemplo *I Will go* do inglês) e a outra a forma reduzida (*I'll go*), ou ainda um é clítico e o outro afixo.
- i. Tendem a ser átonos ou incapazes de receber ênfase contrastiva.
- j. Eles tendem a ser cliticizável ou necessariamente clítico.
- k. Eles carregam todas as informações morfológicas relativas ao predicado, tais como a marcação de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação etc.
- l. A concordância com o sujeito tende também a ser marcada no auxiliar ao invés do verbo principal.
- m. Enquanto os auxiliares são partes obrigatórias de orações finitas em alguns idiomas, isso não é necessário em orações não finitas ou imperativas.
- n. Auxiliares não podem ser governados por outros auxiliares, ou apenas por um limitado número de auxiliares.
- o. Não possuem um significado próprio ou não contribuem para o sentido da frase, mas não são sinsemânticos ou sincategoremáticos ao lexema a que se aplicam.
- p. Tendem a ocorrer separadamente do verbo principal.
- q. Podem estar ligados a um elemento adjacente.
- r. Ao contrário de verbos plenos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.

De acordo com Heine (1993), durante o período de mudança de léxico pleno para elemento funcional gramaticalizado há certa quantidade de ambiguidade associada com o uso do elemento auxiliar não apagado semânticamente (ainda). De fato, entre os verbos gramaticalizados há uma gama de verbos que podem exercer funções de verbo praticado e verbo auxiliar, como, por exemplo, o verbo *komma*, em sueco, que pode tanto exercer a função de verbo pleno quanto à função de auxiliar em construção perifrástica de futuro. Nos exemplos a seguir, podemos observar os dois usos do verbo *komma* – predicado e auxiliar. Em (3), o verbo é apresentado em sua forma plena, ‘vir’, no sentido de deslocamento, movimento; já em (4) o verbo se torna um auxiliar do verbo *bli* (tornar-se) para a formação de uma construção que sugere um acontecimento no futuro.

(3) han kommer nog direkt från Mecka
 3SG Vir provavelmente direto PREP Meca.
 ‘ ele provavelmente vem diretamente de Meca’

(4) Du kommer att bli frisk om du tar antibiotika.
 2SG Vir(AUX) PREP tornar bem se 2SG toma antibióticos.
 “ Ele vai ficar (ficará) bem se tomar antibióticos.

Apesar de não podermos prever exatamente em que tipo de morfema um verbo pode se desenvolver no processo da GR, estudos de línguas de diferentes famílias apontam para certas tendências recorrentes, como por exemplo, os verbos de movimentos que normalmente se desenvolvem em auxiliares para marcação de futuridade. Heine (1993:47) identificou certo número de léxicos fontes para o desenvolvimento de morfemas auxiliares no processo de GR:

Quadro 2 – Morfemas auxiliares no processo de GR

Verbos Fontes	Função gramatical
Locativos	progressivo, ingressivo, contínuo
Movimento	ingressivo, futuro, passado (<i>perfect</i> e <i>past</i>)
Ação	progressivo, contínuo,ingressivo, completivo
Volição	ingressivo,futuro
Mudança de estado	ingressivo, futuro
Equação	resultativo, progressivo,passado (<i>perfect</i>),futuro
Acompanhamento	progressivo
Posse	resultativo,passado (perfeito), futuro
Maneira	progressivo

(Heine, 1993:47)

Estudos sobre a categoria de tempos verbais observam que em muitas línguas o tempo futuro é o tempo verbal no qual mais se encontram auxiliares para sua construção. Conforme Bybee (1985), o futuro pode ser definido como flexões que colocam a situação descrita pelo verbo em um tempo subsequente ao momento da fala. Segundo Comrie (1985), algumas línguas possuem distinções ente *realis* e *irrealis*, com o *realis* referindo-se a algo que aconteceu ou está acontecendo, enquanto *irrealis* se refere a situações hipotéticas, incluindo situações que representam generalizações indutivas e também predições, incluindo, também predições sobre o futuro. Nesse caso podemos situar o tempo futuro, aqui estudado, na categoria *irrealis*.

Estudos comparativos, como os de Heine, feitos em línguas não relacionadas, os de Ultan (1978), de Fleischmann (1982) e de Bybee & Pagliuca (1987), evidenciaram que o

desenvolvimento de morfemas que indicam o tempo futuro tem como maiores ocorrências verbos volitivos e de movimento; outras ocorrências menores se referem a verbos que indicam posse (ter), existência (ser/estar) ou vir a existir (tornar-se (como o verbo *werden* do alemão)) e verbos indicando obrigação (como o *shall* do inglês).

De acordo com Bolinger (1980, *apud* Heine 1993), uma vez que uma forma verbal tenha como complemento um infinitivo, há então um contexto amplamente favorável à gramaticalização; desse modo podemos entender a razão de se encontrar verbos modais e verbos de movimento, em muitas línguas, como marcadores de futuro. Para Bybee e Pagliuca (1987), há um padrão geral observável na maneira como as noções semânticas de DESEJO, OBRIGAÇÃO e MOVIMENTO gradualmente desenvolvem o sentido de predição. Segundo os autores, tanto DESEJO quanto OBRIGAÇÃO exigem um agente intencional e animado: pois predicam certas condições em tais agentes: ‘desejo’ descreve a condições internas e a ‘obrigação’ descreve condições externas, sociais; verbos de MOVIMENTO exigem um sujeito capaz de movimentar. Dessa forma, segundo os linguistas, esses três sentidos originais gradualmente se enfraquecem, e o marcador torna-se uma forma de predição e aplicável a qualquer tipo de sujeito.

Objetivando elucidar o fenômeno da auxiliarização à luz da GR, detalharemos nas próximas seções os verbos que indicam obrigação, volição e movimento e seus processos de auxiliarização, e, por conseguinte, o processo de GR envolvido nesses morfemas marcadores de futuridade. Dessa forma podemos evidenciar alguns processos da auxiliarização apontados nas teorias até então apresentadas.

1.2.2. Verbos modais ‘ter/haver’, ‘dever’ como marcadores de futuro

Como apontado anteriormente, expressões e formas modais são fontes para a formação de expressões de futuro ou para a formação de auxiliares de tempo futuro. Pinkster (1985) aponta alguns desses verbos modais que eram usados pelos falantes de latim como verbos predicadores e que se tornaram, em algumas línguas neolatinas, verbos instrumentais. Como exemplo pode-se mencionar os verbos *debere*, *velle*, *posse* e *habere*. A construção *velle*+infinitivo, como será mais detalhada na próxima seção, tornou-se um auxiliar para marcação de futuro na língua romena; *debere* +infinitivo corresponde à expressão *depo kantare* (cantarei), que é a forma de expressar futuro em um dialeto sardo; no entanto, entre as formas usadas pelos falantes no processo de formação de tempo futuro, prevaleceu a construção com o verbo *habere* na maioria das línguas românicas.

Segundo Bybee & Pagliuca (1985), uma declaração de obrigação – com verbos como *dever*, *ter que* – equivale a uma promessa para executar um ato e, por implicação, uma declaração de intenção. O uso frequente de *habere* com um infinitivo como complemento tornou o modal em auxiliar, e a construção passou a expressar intenção da realização de dada declaração, e, como consequência de um processo de mudança, se gramaticaliza em marcador de futuridade. No exemplo a seguir (5), temos a forma do verbo predicador pleno na época de Cícero (século I a.c.), em (6) também no mesmo século temos *habere* funcionando como uma perífrase modal no sentido de ‘ter que’, obrigação; em (7) temos um poema de Cædon (século 12), que apresenta uma forma já usada nas línguas latinas que sugere o futuro. Apesar da ambiguidade de (6) e (7), o contexto em (7) leva à conclusão que a construção já é uma forma de expressar o futuro.

(5) Quam res publicam habemus?

PRON. INT. república ter.1PL

‘Que república temos?’

(Cícero, Oration in Catilinam, 63 a.c)

(6) Item in multis hoc rebus dicere habemus

ADV PREP ADJ ADV coisas dizer.INF ter.1PL

‘Também temos que dizer muitas coisas sobre isso’

(Lucretius, sec I a.c, *apud* Schwegler, 1990:124)

(7) Attanen, ait mihi cantare habes

ADV 3SG 1SG.DAT cantar.INF ter.2SG

‘Entretanto, tu cantarás para mim’

(Cædon, caput XXIV, séc.12)

A perífrase com o verbo *habere* substituiu a forma sintética do latim em toda Romania ocidental. Assim, a forma *cantabo* dá lugar a *cantare habeo* e, mais tarde, por meio de aglutinações, a construção dá origem a outra forma, a sintética: cantar hei > cantarei, formando assim, como já visto, o tempo futuro nas línguas neolatinas.

O *shall* do inglês é outro exemplo de verbo que passou a exercer funções de auxiliar para marcação de tempo futuro e que, segundo Bybee e Pagliuca, possuía como significado ‘dever’ (owe) em sua forma plena. De acordo com os autores, *shall*, no antigo inglês, podia indicar o que está certo ou se tornando e, ainda no médio inglês, podia expressar necessidade

e o que está designado ou determinado a acontecer. Todos são sentidos relacionados à obrigação. O verbo começa a se gramaticalizar no momento em que o sujeito de primeira pessoa faz uma declaração de obrigação no sentido de promessa a ser executada e implicando assim uma intenção. No entanto o uso de *shall* é mais restrito a primeira pessoa (*I* e *we*), evidenciando, por exemplo, o sentido de ‘obrigação’ que alguém se impõe. Segundo a gramática inglesa, *shall* é frequentemente usado para sugestões – *shall we go?* – e também em promessas ou ações voluntárias. Nesses casos *shall* não poderia de forma alguma ser estendido a sujeitos inanimados. Em holandês e sueco também há auxiliares que se gramaticalizaram do modal ‘dever’ (*zullen*, *ska*), todavia, diferentemente do inglês, o uso dos auxiliares é estendido para qualquer sujeito, animado ou inanimado, como podemos constatar nos seguintes exemplos (8) e (9):

- (8) Vådr-et ska inte längre hindra sjuktransporter.⁵
 Tempo-DET AUX NEG mais impedir transporte médico.
 ‘O tempo não impedirá mais o transporte médico’

- (9) Mijn Huis zal een Bedehuis zijn!⁶
 POSS.1SG casa AUX DET casa de oração ser!
 ‘Minha casa será casa de oração’

Pinkester (1985) aponta que, assim como o latim vulgar tinha o uso do verbo *habere* como marcador de ‘obrigação de algo a ser feito no futuro’ ou ‘intenção’, é muito provável que o verbo ‘*sculan*’ fosse usado da mesma forma já na época da língua saxã. A língua germânica, conhecida como antigo saxão, era falada nas regiões onde hoje se encontram os estados da Holanda e Alemanha (região norte). A língua saxã foi base para formação do inglês e dos dialetos saxões – como o *plattdeutsch* (baixo alemão) falado no norte da Alemanha. No dialeto *plattdeutsch*, encontram-se construções com o verbo *schallen* (dever) para se referir ao futuro. Nos exemplos a seguir podemos ver os usos do verbo que em alemão padrão não pode exercer tal função.

- (10) Du schallst dat noch beleben
 2SG AUX DEM ainda sobreviver
 ‘Você sobreviverá a isso’

⁵ Exemplo retirado de <http://sverigesradio.se/sida/artikel.aspx?programid=2327&artikel=5711591>

⁶ Exemplo retirado de <http://www.holyhome.nl/hwc-088.html>

- (11) Ik schall vanmorgen dat Book leest hebben⁷
 1SG AUX amanhã DEM Livro ler.PARTC ter
 ‘Amanhã terei lido esse livro’

1.2.3. Verbos de volição como marcadores de futuro

De acordo com Bybee (2002), o desenvolvimento de morfemas marcadores de tempo futuro com verbos de volição pode ser esquematizado da seguinte forma:

Volição ou desejo > Intenção > Futuro

Seguido de um complemento, o verbo expressa apenas seu significado semântico original, volição ou desejo. A partir do momento que o verbo passa a ser usado, normalmente na primeira pessoa, para fazer promessas ou estado de intenções, passa então a possuir novas funções – de auxiliar. No último estágio, o verbo volitivo passa a ser usado com sujeitos inanimados, incapazes de volição. É exatamente no último estágio que o verbo já passa a possuir função gramatical fixa – de auxiliar – e a marcar futiridade, sendo a ser usado em predições.

Nesse sentido, podemos constatar a partir do esquema proposto por Bybee observações importantes quanto aos estágios do desenvolvimento de verbo *willan* do inglês antigo. De acordo com Bybee e Pagliuca (1987), o significado volicional de *willan* em textos da literatura de Beowulf⁸ era expresso com o verbo seguido de um complemento verbal no infinitivo. Já na literatura do médio inglês é possível encontrar em textos de Sir Gawain⁹ o verbo sendo usado, especialmente na primeira pessoa, para fazer promessas ou expressar intenções. No inglês atual, a forma *will*+infinitivo é usado para expressar o tempo futuro na língua inglesa.

Hilpert (2008) também estuda o fato do inglês e o dinamarquês possuírem verbos de volição como marcadores de futiridade. Ambas as formas, segundo o autor são auxiliares originados do verbo *veljan* do proto-germânico, que significava ‘querer’ ou ‘desejar’. No entanto o linguista aponta para algumas diferenças entre os auxiliares de cada língua.

⁷ Fontes extraídas do site dedicado ao ensino da gramática do dialeto do baixo alemão: <http://www.plattmaster.de/gramm2.htm> acessado em 02/04/2014

⁸ *Beowulf* é um poema épico, escrito em língua anglo-saxã com o emprego de aliteração. Com 3.182 linhas, é o poema mais longo do pequeno conjunto da literatura anglo-saxã e um marco da literatura medieval. (Wikipedia).

⁹ *Sir Gawain* é um personagem da literatura medieval, da fase do inglês médio (middle english) um dos Cavaleiros da Távola Redonda. (Wikipedia)

Baseando-se em Davidsen-Nielsen (1990), Hilpert argumenta que *ville* – o verbo auxiliar dinamarquês – é usado em contextos que *will* não é usado. O item *ville*, conforme análises de Davidsen-Nielsen, é usado para expressar eventos futuros que resultam de uma causa presente, enquanto em inglês a forma para expressar esse tipo de futuro é feita com ‘*be going to*’. O auxiliar dinamarquês pode, ainda, ser usado como verbo pleno, diferentemente do inglês que já possui a forma ‘*to want*’ para expressar volição. Apesar das diferenças de usos, ambos os auxiliares podem ter como complemento qualquer tipo de verbo e também ser usado com qualquer tipo de sujeito. Nos exemplos a seguir temos o verbo ‘*ville*’ como verbo pleno e como auxiliar.

- (12) jeg har en samsung galaxy x cover og vil købe en iphone
 1SG ter DET samsung galaxy x cover e querer comprar DET iphone
 ‘Eu tenho um sansung galaxy x cover e quero comprar um iphone’

- (13) Det vil jeg aldrig glemme
 3SG AUX 1SG nunca esquecer
 ‘Isso eu nunca esquecerei’

Tal qual o verbo *willan*, o verbo ‘*voi*’ da língua romena, originado do latim ‘*velle*’, e o verbo ‘*htjeti*’ da língua servo-croata, acompanhados de um complemento verbal tornaram-se formas de expressar o futuro. Como podemos observar nos exemplos a seguir, os verbos não possuem restrições quanto ao tipo de sujeito ou complemento verbal, sendo possível, no exemplo da língua croata (16), o uso do auxiliar com a sua própria forma etimológica, o que demonstra seu estágio avançado de GR:

- (14) Atentie, va cadea copac!¹⁰
 Atenção, AUX cair.INF árvore!
 Atenção, a árvore cairá!

- (15) Te voi iubi, pierduti in noapte vom pluti¹¹
 2SG.ACC AUX amar.INF, perdidos PREP noite AUX flutuar.INF
 ‘Te amarei, perdidos na noite flutuaremos’

¹⁰ Exemplo retirado de <http://maximamspus.ro/atentie-va-cadea-copac-29246>

¹¹ Retirado de verso da música Te voi iubi de Anda Adam

- (16) Ja ću uvijek tebe htjeti
 1SG AUX Sempre 2SG.DAT querer.INF
 ‘Eu sempre vou te querer’

Ainda quanto à GR do verbo *htjeti* da língua servo-croata é importante mencionar o fato de o verbo se encaixar na ‘teoria corrente para TAM’ de Heine. Como podemos observar nos exemplos a seguir, o verbo *htjeti* pode apresentar três formas: (i) Com forma conjugada, *hoćeš*, sem redução fonética, em posição enclítica. Essa forma normalmente aparece em sentenças interrogativas (17). (ii) O verbo conjugado com forma apresentando redução fonética torna-se apenas ‘*ćeš*’ (18). (iii) Quando e somente quando o verbo iniciar uma sentença há anexação do verbo com o auxiliar, como podemos observar em (19).

- (17) Hoćeš li me maziti
 AUX PART.INT 1SG.ACC abraçar.INF → Hoćeš
 ‘Me abraçarás?’

- (18) Jednom ćeš znati
 Algum dia AUX saber.INF → ćeš
 ‘Algum dia saberás’

- (19) ješ-ćeš u restoranu
 Comer.INF-AUX PREP restaurante → anexação verbo + sufixo: ‘ješćeš’
 ‘comerás no restaurante’

1.2.4. Os verbos de movimento como marcadores de futuro

Segundo Bybee (2010), verbos ou frases indicando movimento para uma meta (comparado ao *be going to*) frequentemente tornam-se marcadores de futuro, formas encontradas em línguas como o francês, o espanhol, línguas africanas (lugbara, duala, hausa, lotuko), ameríndias (quéchua, southern sierra miowk, tojolab'al) e asiáticas. Bybee esclarece que quando uma frase ou um verbo de movimento em direção a uma meta passa a ser usados, como em ‘*they are going to Windsor to see the king*’, o primeiro sentido refere-se a espaço, mas uma forte inferência de intenção também está presente (*why are they going to Windsor?*

To see the King). No primeiro caso, a estrutura sintática é composta por duas orações [*are they going to*] e [*to see the king*], com o verbo “go/ir” da primeira oração com sentido de deslocamento espacial, e o da segunda [*to see/ ver*] com sentido de finalidade. Segundo Bybee, o sentido de intenção pode ser o primeiro a aparecer, permitindo a inferência de ações de futuro: *he’s going to buy a house*. Nesse caso, pode ser uma intenção ou uma predicação sobre ações relacionadas ao futuro.

Podemos perceber em situações informais o uso do futuro perifrástico *ir + infinitivo* é quase unânime na linguagem informal. Mesmo em contextos formais nota-se que certas flexões do futuro simples nunca são proferidas – como o futuro sintético do verbo ‘querer’, por exemplo. De acordo com Bybee (2002) a GR de verbos de movimento pode ser esquematizada da seguinte forma:

movimento em direção à meta > intenção > futuro

Com base no esquema proposto por Bybee aplicado aos casos de GR de línguas como o francês, o inglês e o português, podemos observar que antes da forma se gramaticalizar em auxiliar para o futuro há um estágio em que o verbo passa a significar futuro iminente, justamente o estágio em que caracterizaria uma ambiguidade: movimento ou predição. Dessa forma o esquema seria modificado para:

movimento em direção à meta > intenção > futuro iminente > futuro.

Na fase futuro iminente, o verbo poderia tanto ser usado para uma ação incoativa quanto para uma predição. Observemos os seguintes exemplos:

- (20) Eu vou ao supermercado.
- (21) Agora vou ler um livro no meu quarto.
- (22) Vou visitar a minha avó.
- (23) Preciso conseguir mais dinheiro, pois vou ficar um tempo na Europa.

No exemplo (20), temos o verbo na sua forma plena, indicando que o falante se desloca rumo a um destino, neste caso, o verbo só expressa movimento de um lugar a outro, ou seja, o sentido comum que o verbo *ir* tem em todas as línguas. Em (21), o falante expressa uma intenção a ser realizada naquele exato momento; o verbo *ir* neste caso ainda pode

continuar com o sentido de movimento, pois o falante pode estar assistindo TV e decidir ir até seu quarto ler um livro, todavia, nota-se que neste estágio há o início do uso de alguns verbos como predicados, e indícios da intenção do falante em fazer algo. Em línguas como o alemão padrão (HD), o verbo *gehen* (*ir*) pode ser usado com alguns poucos verbos para expressar exatamente isso: a intenção de fazer algo se deslocando de um lugar ao outro: *einkaufen gehen*, *schlafen gehen* (ir às compras, ir dormir). No exemplo (22), o verbo ‘ir’ já se torna um auxiliar, exprimindo o futuro próximo/imediato. Nessas construções já se pode notar que, além do verbo ‘ir’ receber-se combinar com verbos de ação, há a presença de algumas outras classes de verbo, estativos, fase também caracterizada por certa ambiguidade com a fase descrita em (21); há também a presença de muitos advérbios de tempo. O uso do verbo ‘ir’ como perífrase para formação do futuro iminente é o início da GR da perífrase. No último exemplo (23), o falante pode exprimir algo que irá realizar num futuro mais remoto. No exemplo, o auxiliar nesse estágio já pode ser combinado com muitas classes sintático-semântica de verbos (não somente com verbos que exprimem ação). Há casos de línguas, como o português brasileiro e o inglês, em que o verbo auxiliar está tão gramaticalizado que ele pode ser auxiliar do próprio verbo de movimento: ‘*vou ir*’ ou ‘*I’m gonna go*’.

Construções como em (22) e (23) poderiam representar tanto o futuro imediato quanto o futuro simples, a primeira usada para indicar uma ação que está prestes a ocorrer ou ocorrerá muito em breve, tempo muito utilizado para enfatizar que determinado fato ocorrerá neste exato momento ou em outra data, normalmente especificada com o uso de advérbios como ‘agora’, ‘amanhã’, ‘próxima semana’. É observado que algumas construções como o verbo ‘ir’ do português, inglês e francês podem apresentar inceptividade/ incoativo.

Para Câmara Jr. (1976) a construção *ir*+infinitivo do português é uma espécie de hibridismo por apresentar valor modal e valor aspectual. Desse modo, a perífrase apresenta tanto a “intenção de fazer algo”, modo, quanto à noção de que “algo vai acontecer”, o aspecto. Sendo assim, para o autor, a construção perifrástica com ‘ir’ não é uma forma de substituição do tempo futuro, já que segundo o linguista quem substitui esse tempo no colóquio é o próprio presente.

O uso frequente dessas perífrases pode trazer uma gama maior de verbos que podem ser combinados com os auxiliares. Assim, além da incoatividade a perífrase também pode apresentar de um futuro mais distante, remoto e pode até mesmo haver uma substituição de uma forma pela forma pela outra, no colóquio. Conforme Bybee (2010), ‘quando uma construção perifrástica se expande para mais sujeitos e outros complementos verbais seu significado se generaliza e o uso frequente leva à habituação, em que um elemento repetido

perde algumas de suas forças semânticas', ou seja, o sentido de movimento desaparece e a perífrase além de se referir a um futuro próximo passa a se referir a situações mais hipotéticas e futuros mais remotos.

Fleischmann (1982) encontrou um denominador comum para construções como *ir+infinitivo*. Segundo a autora, fica implícito a todas as interpretações da construção *ir+infinitivo*, uma conexão entre presente e futuro, com a qual uma situação futura é vista pelo falante como se originando ou de alguma forma relacionada com o estado de coisas presentes. O ponto essencial é a natureza psicológica, mais do que a natureza cronológica, deste elo com o presente, o que habilita as expressões de *ir+infinitivo* descreverem situações localizadas mesmo em um futuro remoto.

CAPÍTULO 2

UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa e também informações básicas a respeito do dialeto suíço-alemão. Objetivamos (i) descrever o *corpus* sincrônico, oral e escrito, que constitui nosso universo de dados para a análise do processo de GR da construção *gaa...go*; e (ii) evidenciar os critérios de análises – os quais são pautados nas teorias de frequência de Bybee (1993), que verifica as possíveis frequências de padrões funcionais e construcionais; classificações semântica dos verbos (Chafe, 1979); propriedades dos auxiliares de Heine (1993) e os princípios de Hopper (1991).

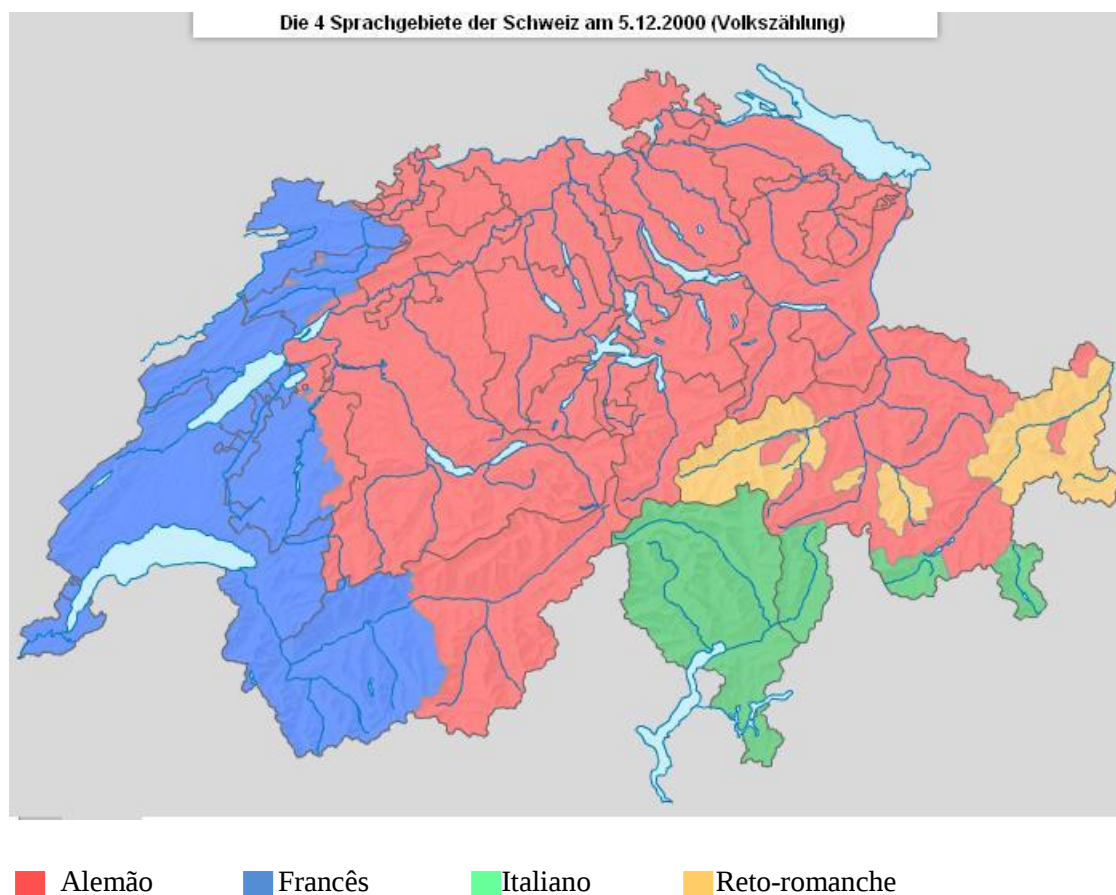
2.1. O dialeto suíço-alemão

Segundo Keller (1961), *schwiizerdüütsch* é um tipo de nome artificial usado para a grande variedade de dialetos falados no norte da Suíça e nas fronteiras linguísticas românico-germânicas. Pode-se encontrar características do dialeto também nas fronteiras políticas da Suíça com a província de Voralberg (Áustria), Liechtenstein e nas regiões de Baden-Württemberg na Alemanha. Segundo estudos de Keller, esses dialetos podem ser agrupados como variedades do *Hochallemanisch* (alto Alemânico), com exceção do dialeto falado na Basileia (cidade próxima à região de Baden Württemberg - Alemanha), que é uma variação do *niederallemanisch* (baixo Alemânico). O suíço-alemão (*schwiizerdüütsch*), conforme o autor, é falado entre os suíços, independentemente de posição social, faixa etária ou região. O alemão padrão (*hochdeutsch* doravante HD) é mais usado em situações formais, nas escolas e na interação dos germanófonos com falantes das outras regiões do país ou estrangeiros.

A Suíça ou Confederação Helvética é um país que possui quatro idiomas oficiais, sendo eles o francês, o italiano, o alemão e o romanche. No censo de 2009, a Suíça contava com uma população de 7.780.000 pessoas, sendo 6,07 milhões de suíços natos, com 63,7%

falantes de alemão; 20,4% falantes de francês; 6,5% falantes de italiano e 0,5% falantes de romanche¹². Abaixo temos um mapa linguístico com as quatro regiões linguísticas do país:¹³

Figura 1 – As quatro línguas da Suíça



Há 26 cantões na Suíça e 19 deles declaram o alemão como língua oficial. Dessa forma, a região germanofônica é a que possui o maior número de habitantes e tem como língua oficial o HD, porém, a população dessa região também usa o dialeto denominado suíço-alemão (*schwiizerdüütsch*).

Não se deve confundir é o alemão-suíço (*schweizerisches Deutsch*) e o dialeto suíço-alemão (*schweizerdeutsch Dialekt*). O alemão suíço é a variedade padrão do alemão usado como idioma na Suíça, que pode apresentar algumas diferenças de pronúncias ou vocabulários em relação ao alemão de outros países germanófonos (Alemanha, Áustria); assim como as diferenças existentes entre o inglês britânico e americano, no entanto essa diferença no alemão é bem menor. Já o dialeto chega a ser incompreensível para falantes de alemão fora da

¹² Fonte: http://www.swissinfo.ch/por/especiais/guia_da_suica/em_foco/Estatisticas_gerais.html?cid=29724202

¹³ Fonte: http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/de/index/regionen/11/geo/analyse_regionen/02.html (Das Portal Statistik Schweiz (Portal suíço de estatística). Acesso em 05.02.2013.

Suíça; há diferenças na sintaxe, morfossintaxe, pronúncia, e vocabulário (incluindo verbos que se diferenciam em forma e conjugação, pronome diferente da língua alemã padrão etc).

2.2. A constituição do *corpus*

Algumas tendências presentes na literatura apontam para um consenso de que a interação e a interdependência entre sincronia e diacronia é algo central para o estudo do processo de GR. Desse modo, um estudo que tem por intuito analisar mudança linguística levaria em conta a comparação de estágios linguísticos. Como na presente pesquisa não há dados suficientes, torna-se muito difícil ou impossível encontrar dados diacrônicos para uma análise pancrônica (que alinhe perspectivas sincrônicas e diacrônicas) do dialeto aqui estudado. Dessa forma, utilizamos, neste trabalho, amostras de fala e de escrita para uma análise sincrônica; no entanto utilizaremos fontes secundárias, um estudo de Lötscher (1993), para a explicação da formação da construção *gaa...go* e a partir de analisar o processo de mudança linguística.

A construção ‘*gaa...go*’ tem como origem a noção de movimento no espaço rumo a uma meta (a realização de uma tarefa). Como o objetivo essencial deste trabalho está em averiguar o caráter gramaticalizado pelo qual a construção está passando, um estágio incipiente, pretende-se analisar numa perspectiva sincrônica a mudança pela qual a construção vem passando, demonstrando assim os contextos em que passa a ter um caráter mais gramatical, o de auxiliar, por exemplo.

O objetivo inicial do trabalho era o de realizar uma pesquisa *in loco*, buscando dados por meio de entrevistas com falantes nativos para nossa análise, entretanto, como não foi possível uma viagem até a Suíça optamos por buscar dados existentes na internet, tais como blogs, vídeos da TV suíça disponíveis no *Youtube* dentre outros materiais. Dessa forma, o universo de investigação da pesquisa é composto em sua maioria por textos escritos, mas textos orais produzidos por falantes dos dialetos de Basel, Zürich, Berna também compõem o *corpus* (programas de TV). Nesse sentido, o *corpus* se enquadra à definição dada por Marcuschi (2003) de gêneros textuais “que é uma noção propositalmente vaga para se referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades, funcionais, estilo e composição”.

O material atinente à modalidade escrita do dialeto suíço-alemão é formado (i)¹⁴ por cinco edições do jornal informativo da tradicional festa chamada *Basler Fasnacht* (*dr Krayejoggi* edições 2006, 2007, 2008 e 2010; e o jornal *Dr Gugge Zwärg* edições 1, 3, 4-11 e 1-12). Esses jornais são todos escritos em suíço-alemão e a escrita segue um padrão convencional de escrita de Basel¹⁵; (ii) por textos publicados em diversos blogs. Assim, na modalidade escrita temos dois gêneros textuais: blogs (BL) e reportagem jornalística (RJ).

Já os dados referentes à modalidade falada foram transcritos de programas de TV da Suíça, como o programa *Menu Surprise*; uma entrevista com Roger Federer num especial do *Credit Suisse*; um programa para o público jovem chamado *Jung, wild & sexy*; e dados provenientes do *corpus* SADS, da Universidade de Zurique, grupo coordenado pela professora Dra. Elvira Glaser. Quanto aos gêneros textuais, podemos dividir o *corpus* em dois gêneros: entrevista (EN) e reportagem televisiva (RT).

No quadro a seguir, apresentamos o total de ocorrências da construção *gaa...go*.

Tabela 1 – ocorrências da construção *gaa...go*

<i>Corpus</i>	Total de ocorrências
Escrito (internet)	176
Oral (transcrito TV)	6
Total	182

Como também pretendemos demonstrar o processo de metonimização da partícula *go*, selecionamos as ocorrências da partícula sem a presença do verbo encontrada somente no *corpus* escrito; o quadro a seguir apresenta as ocorrências obtidas em corpus escrito.

¹⁴ O download das edições de *Gugge Zwärg* podem ser encontradas em <http://www.gugge-zwaergli.ch>; as edições de *dr Krayejoggi* estão disponíveis para downloads em <http://spale.ch/>

¹⁵ A ortografia usada no presente no *corpus* do trabalho está de acordo com a escrita de falantes suíços. O leitor poderá então encontrar variações como, por exemplo, do verbo em análise ‘ir’; em *Baslerdütsch* (dialeto da Basileia) é grafado como *goo* e pronunciado como [go:]; em Zurique é grafado como *gaa* e pronunciado como [ga:]; porém as diferenças existentes entre os dialetos estão mais relacionadas à pronúncia e a vocabulários regionais, ou seja, trata-se de uma variação regional do dialeto suíço-alemão.

Tabela 2 – Ocorrências da partícula *go* sem o uso do verbo *gaa*

<i>Corpus</i>	Total de ocorrências
Escrito	42

2.3. Critérios de Análise

Segundo Bybee (2003), uma das características mais notáveis do processo de GR de morfemas e construções é a alta frequência em que ocorrem. Ainda conforme a linguista, a frequência não é apenas resultado de GR, é também uma das contribuições primárias para o processo. Conforme Bybee, frequência é “uma força ativa que incita as mudanças que ocorrem em GR”. Nesse sentido, acreditamos que seja fundamental um levantamento da frequência de uso para atestar os estágios da GR da construção *gaa...go*, visto que aumento de frequência de uso é um indício do resultado de GR e podemos assim também identificar graus de usos. Dessa forma, a adoção da abordagem quantitativa se justifica como uma forma de traduzir em números, informações para obtenção de análise de dados e resultados encontrados numa pesquisa que privilegia a frequência de uso.

Analizamos dois processos de GR encontrados na construção *gaa...go*. A primeira refere-se aos usos que podem ser tanto de movimento no espaço como futuro imediato ou até mesmo futuro. A segunda refere-se ao processo de GR da partícula ‘*go*’, originada de uma preposição (Lötscher,1993) e seu uso como uma espécie de partícula alativa. Identificamos a partir dessas análises dois processos cognitivos da gramaticalização: metaforização e metonimização.

Como observamos que ‘*gaa*’ tende em muitos exemplos a exercer uma função de auxiliar, entendemos que há dois processos envolvidos na mudança funcional do verbo: a Gramaticalização e auxiliarização. A Gramaticalização se refere ao processo pelo qual os dois morfemas, *gaa* e *go*, passaram devido a GR a ser uma construção; a auxiliarização se refere ao fato de *gaa* tornar-se um auxiliar, sem dispensar a partícula. A análise do último processo mencionado será realizada por meio de uma descrição, com base em Heine (1993), das propriedades de auxiliares – propriedades entendidas como parte do processo de auxiliarização.

Heine ainda propõe estágios que demonstram a mudança de verbo pleno a afixo, estágios são conhecidos como ‘cadeia verbo para TAM’. Heine propõe estágios de ‘A’ a ‘G’ (apresentados anteriormente na página 35), no entanto, em nossa análise, são considerados apenas os estágios de A-C que evidenciam o processo de formação de perífrases verbais.

De acordo com Heine (1993), verbos de movimento que levem apenas verbos de ação como complemento podem caracterizar um contexto de ambiguidade. Dessa forma, uma análise das classes de verbos que podem ser auxiliados por *gaa* é de extrema importância para averiguar se o verbo exerce função plena ou gramatical. A análise das classificações semânticas dos verbos obedeceu àquela proposta por Chafe (1979), que propõe duas categorias: verbos de ações e verbos estativos.

E para averiguar o grau de GR da construção, evidenciar se passou a exercer uma nova função – perdendo sua forma semântica original e atuando como um marcador de futuridade em determinadas sentenças – utilizamos os cinco princípios de GR de Hopper (Estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização) avaliando assim os usos do verbo ‘*gaa*’ no dialeto suíço-alemão e dessa forma identificar o processo de GR. Os princípios de Hopper visam analisar os casos de estágios iniciais de GR das formas linguísticas, sendo assim pressupomos que o estágio de GR da construção *gaa...go* seja incipiente. O intuito é, pois, averiguar se o verbo *gaa* (ir) está em um estágio mais ou menos gramaticalizado.

No primeiro princípio de GR, a estratificação, temos como objetivo analisar exemplos de ‘*gaa...go*’ emergindo como uma nova camada no domínio funcional de tempo futuro. Em seguida nos atentamos em observar os diferentes usos da construção (movimento e futuridade), característica do princípio da divergência. Na análise da especialização da construção buscamos exemplos para demonstrar em que domínio funcional a construção pode estar associada/ especializada. Já no quarto princípio, procuramos evidenciar os contextos nos quais há persistência dos elementos em questão. E por fim, analisamos o processo de descategorização de ‘*gaa...go*’, evidências que demonstram a mudança de função lexical para gramatical.

CAPÍTULO 3

CARACTERÍSTICAS GERAIS E TIPOLOGICAS DO SUÍÇO-ALEMÃO

Neste capítulo temos como objetivo dar uma noção geral ao leitor das características gerais e tipológicas do dialeto suíço-alemão para que haja uma maior compreensão da ordem dos constituintes na sentença, os casos ainda existentes na língua e uma noção sobre tempos verbais, com maior destaque ao tempo futuro usado na língua. A descrição está baseada em informações a respeito do dialeto em um trabalho de Keller (1961) a respeito de dialetos germânicos.

3.1. Ordem dos constituintes

O dialeto suíço-alemão é uma língua do tipo SVO. A ordem padrão pode ser alterada dependendo do tipo de sentença, quais sejam: SOV em orações subordinadas e não finitas, SVO em orações declarativas não marcadas, e VSO em orações finitas com um constituinte precedendo o verbo. Em orações com mais de um verbo, a regra é a formação de sentenças SVOV em orações principais, em que o verbo conjugado ocupa a posição 1, logo após o sujeito, com o verbo infinitivo no final da sentença, e orações SOVV em orações subordinadas, em que VV representa uma estrutura de verbo conjugado e infinitivo ou ainda particípio e verbo auxiliar. Nos exemplos a seguir podemos observar as ordens existentes no dialeto suíço-alemão:

Ordem SVO

A ordenação nas sentenças simples é de SVO e o verbo pode ser o único elemento (dentre os substantivos, adjetivos ou advérbios) que pode ocupar diferentes posições nas sentenças (tanto em sentenças simples como em complexas):

	S	V	O			
(24)	Frank	bsuecht	sinir	Eutere	in	Basel
	Frank	visitar	PRON.POSS.PL	Pais	LOC	Basel
	‘Frank está visitando seus pais em Basel					

Orações subordinadas (SOV)

	S	O				V
(25)	...dass	[Frank	sinir	Eutere	in	Basel bsuecht]
	CONJ	Frank	PRON.POSS.3PL	pais	LOC	Basel visitar
	‘...que Frank visita (está visitando) seus pais em Basel’					

Nas orações com verbos auxiliares, como *sii* (ser) e *haa* (ter), também se observa as posições fixas de alguns constituintes e as posições que o verbo pode ocupar.

Oração principal (SVOV)

	S	V	O				V
(26)	Frank	hät	sinir		Eutere	in	Basel bsuecht
	Frank	AUX	PRON.POSS.3SG	Pais	LOC	Basel	PARTC
	‘Frank visitou seus pais em Basel’						

Oração subordinada (SOVV)

	S	O			V	V		
(27)...	dass	Frank	sinir	Eutere	in	Basel	bsuecht	hät
	CONJ	Frank	PRON.POSS.3SG	pais	LOC	Basel	PARTC	AUX
	‘...que Frank visitou seus pais em Basel’							

No exemplo (26), apenas o auxiliar ‘*hät*’ muda de posição em sentenças subordinadas. É diferente do que acontece em (27), em que o objeto ‘*sinir Eutere in Basel*’ não muda de posição em relação ao particípio passado da sentença.

As orações coordenadas com advérbios que possuem valor de conjunção ocupam a primeira posição na sentença. Há uma inversão do verbo em sentenças em que aparecem esses advérbios. O verbo em sentenças assim deve vir conjugado logo após o advérbio. As indicações de tempo podem estar no começo da frase, no final ou após o primeiro verbo. Caso esteja no início da sentença, há uma inversão do sujeito e verbo, como nos exemplos abaixo:

(76) Frank bsuech-t sinir Eutere in Basel am Samschtig
 Frank visitar.3SG POSS.3SG pais LOC Basel PREP Sábado
 ‘Frank visita seus pais em Basel no Sábado.’

(77) Am Samschtig bsuech-t Frank sinir Eutere in Basel
 PREP Sábado visitar-3SG Frank POSS.3SG pais LOC Basel
 ‘No sábado Frank visita seus pais em Basel’

(78) Am Samschtig hät Frank sinir Eutere in Basel bsuecht
 PREP Sábado AUX Frank POSS.3SG pais LOC Basel Visitar.PTC
 ‘No sábado Frank visitou seus pais em Basel’

Quando o falante deseja enfatizar alguma palavra, que parece ser importante para o ouvinte, o falante a desloca para o início da frase (posição especial). Nesse caso, a posição do verbo então fica na segunda posição e após esse verbo vem o sujeito.

3.2. Os casos do suíço-alemão

Dos quatro casos presentes na língua alemã (*hochdeutsch*), há apenas duas marcações de casos no suíço-alemão como aponta Keller (1961). O Caso dativo corresponde ao objeto indireto, e o caso comum, assim denominado por Keller, corresponde tanto ao sujeito quanto ao objeto direto, dessa forma marcações do caso acusativo e nominativo se

fundiram em um único caso apenas, ou seja, a declinação é a mesma nos dois casos. No caso genitivo, como ocorre muitas vezes na oralidade da língua padrão, perde-se a declinação em detrimento da preposição ‘von’, ‘*die Freundin meines Vaters*’ torna-se ‘*die Freundin von meinem Vater*’ (a amiga do meu pai), e, em suíço-alemão, a preposição é conhecida como *vo* (de). Falaremos sobre cada caso a seguir.

3.2.1. O caso comum

Da mesma forma que ocorreu nas línguas latinas, no dialeto suíço-alemão os determinantes (artigos definidos e indefinidos) possuem a mesma forma para qualquer posição na sentença em que exercem funções de sujeito ou objeto (nominativo ou acusativo). Nesse sentido, a língua com casos marcados, como o alemão, possui uma maior flexibilidade nas ordens dos constituintes oracionais, pois sua função de cada elemento é marcada pela flexão nas palavras:

- (28) a. De-r Mann sieht de-n Wagen
 DET-NOM Homem ver.3SG DET-ACC carro
 ‘O homem vê o carro’

- b. De-n Wagen sieht de-r Mann
 DET-ACC Carro ver.3PS DET-NOM Homem
 ‘O carro (objeto) vê o homem (sujeito)’

Em suíço-alemão não há mais essa flexibilidade nas sentenças, perdeu-se assim a marcação das funções de cada constituinte dentro da sentença devido à perda dos casos nos determinantes. A seguir, comparamos a inversão da ordem dos constituintes (nominativo e acusativo) no dialeto:

- (29) De maa gseht s’ Outo
 DET.NOM (masculino) homem ver.3PS DET (neutro) Carro
 ‘O homem vê o carro’

Com inversão:

- (30) S' Outo gseht de maa
 DET (neutro) carro ver3S DET (masculino) homem
 'O carro vê o homem'

Como podemos observar, no dialeto não se pode inverter a sequência dos constituintes na escrita e manter o mesmo sentido, como apontado nos exemplos anteriores. Tal inversão pode ser possível, mas com a mudança de entonação na fala para que haja sentido, porém, este tipo de sentença nunca é proferido por um falante do dialeto; a forma existente para a marcação do sujeito e do objeto nessas sentenças é a mesma, como nas línguas latinas, a diferença entre um determinante acusativo ou nominativo se dará pela posição do constituinte. A marcação dos dois casos, segundo Keller (1961), tornou-se apenas uma, denominada por ele como 'caso comum'.

3.2.2. Caso Dativo

Dos casos da língua padrão, o dativo é o único que se pode confirmar a versatilidade das sentenças em que aparecem determinantes e pronomes possessivos. Nos exemplos a seguir podemos notar que a marcação do caso auxilia na flexibilidade de algumas sentenças.

- (31) De Polizescht ge em Fahrer en Strofzättel
 DET Policial dar.3SG DET.DAT Motorista uma multa
 'O policial dá uma multa ao Motorista'

Inversão:

- (32) em Fahrer ge de Polizescht en Strofzättel
 DET.DAT Motorista dar.3SG DET Policial DET multa
 'Ao motorista dá o policial uma multa'

3.2.3. O caso Genitivo com a preposição ‘vo’

Um fato ocorrido na evolução do latim para as línguas neolatinas é a perda da desinência marcadora do genitivo nas palavras. Nas línguas neolatinas a preposição “de” passou a exercer função antes exercida pelo caso Genitivo. Como no dialeto suíço-alemão não há declinações de caso genitivo, a preposição ‘vo’ passou a ser usada para marcar posse.

Marcação Genitivo latim:

- (33) Metu-s hosti-um
 Medo-NOM Inimigo-GEN
 ‘ O medo dos inimigos’

Nas línguas neolatinas a marcação do caso genitivo foi substituída pela preposição latina ‘*de*’ que é um indicativo de proveniência. Nas línguas espanhola, portuguesa, francesa e italiana e outras, o caso genitivo deu lugar a preposições. Observemos, a seguir, como se forma o genitivo na língua alemã padrão:

Alemão:

- (34) Das Haus des gross-en Mann-es
 DET Casa DET.GEN grande-GEN homem-GEN
 ‘A casa do grande homem’

A preposição *vo* (preposição *de*) é a atual forma usada pelos falantes do dialeto suíço-alemão para se referir à posse. Não há, devido ao uso da preposição *vo*, nenhuma declinação que marque o caso Genitivo no dialeto. Como a preposição *vo* é regida pelo caso dativo, os pronomes e determinantes podem ser declinados, como nos exemplos a seguir:

- (35) De lehrer vo-m chind
 DET Professor PREP-DET.DAT criança
 ‘O professor da criança’

- (36) S’ chleid vo de Frau
 DET vestido PREP DET.DAT mulher
 ‘O vestido da mulher’

Os determinantes, ‘em’ do masculino e ‘em’ neutro, se fundem com a preposição *vo* formando uma só palavra com marcação de dativo: *vom*, como também ocorre em alemão padrão, o determinante *dem* masculino e neutro do dativo se fundem com a preposição dando origem a *vom*. Seria como na forma da preposição *de*+ artigo (a ou o) no português: *da*, *do*.

3.3. TEMPO

Algo não muito comum nas línguas germânicas é o fato de se poder omitir o sujeito, no entanto em suíço-alemão há essa possibilidade devido às flexões nas desinências verbais no tempo Presente. Como há declinação do verbo, as 3 primeiras pessoas do singular possuem terminações diferentes, possibilitando, dessa forma, o entendimento de qual sujeito a que o falante se refere, como em ‘*bisch schwiizer?*’ ‘és suíço?’. Não é uma língua aglutinante, no entanto, devido a questões fonológicas, há casos em que a primeira pessoa do plural e singular podem aglutinar com alguns verbos, assim: ‘*gönd mer*’ (vamos nós) pode ser grafado ou pronunciado ‘*gömmmer*’, ‘*bin ich*’ (sou eu ou estou eu) pode ser grafado e pronunciado “*bini*”. Neste caso não são todos verbos e isso vai depender da sentença em que ocorre essa inversão de sujeito e verbo.

A construção do passado no dialeto suíço-alemão é feita como na construção do Presente perfeito da língua inglesa (auxiliar mais verbo predicado no particípio passado). No entanto, ao invés de usar somente o auxiliar ‘*haa*’ (ter), como ocorre no inglês, há também o uso do auxiliar (*sii*) para verbos de movimento. Essa construção se refere tanto ao pretérito perfeito quanto ao pretérito imperfeito.

Assim como na língua padrão alemã, há o uso de um verbo gramaticalizado para a construção do tempo futuro. Segundo Baur (1977), não é correto usar o verbo *wëerde* (ou *verde* – tornar-se) como auxiliar de construção para marcar futuridade no dialeto; ainda segundo Baur, o futuro pode ser expresso com verbos em suas formas no tempo presente ou ainda com o uso de advérbios, sendo o mais usado/preferido o advérbio *dänn*, assim, como sugere Baur, uma partícula marcadora de futuro. Apesar de Baur não aceitar que a construção do futuro com o verbo *wëerde* seja correta – provavelmente por achar que é uma forma advinda da língua padrão – é muito comum encontrar textos em suíço-alemão em que a marcação do futuro é feita por meio desse auxiliar. Trabalhos como o de Keller (1961) sobre os dialetos de Zurique e Berna, e o trabalho de Noth (1993) sobre a gramática do dialeto

alemânico falado na região sul da Alemanha e Suíça apresentam usos da perífrase *werde*+infinitivo para exprimir o futuro. Observemos a seguir três formas de futuro expressa no dialeto:

(37) Ich flüge nöd mit dir
 1SG Viajar NEG PREP PRON.DAT
 ‘Não viajo contigo’ (não viajarei contigo)

(38) I hilff der dänn , wenn t eso wyt bisch.
 1SG Ajudar 2SG-DAT ADV, CONJ ADV longe estar.2SG
 ‘Te ajudo então (ajudarei), se você estiver tão longe’

(39) Das wird mir uf ewig in Erinnerung bliibe..
 DEM AUX PRON.DAT PREP Eterno PREP Lembrança Ficar.INF
 ‘ Você ficará eternamente em minhas lembranças...’

No primeiro exemplo (37), vemos o presente do indicativo sendo empregado como uma forma de expressar o futuro forma também usada na língua alemã padrão. No entanto, o uso dessa forma pode também sugerir um futuro iminente. Em (38) podemos observar a sentença com o adverbio *dänn*, que conforme Baur pode auxiliar num sentido de futuro. Em (39) podemos observar que o verbo *werde* (tornar-se) também é usado com muita frequência no dialeto como um auxiliar para se referir ao futuro. O auxiliar *werde* pode ser usado com qualquer verbo ou sujeito. Outra forma de se referir ao futuro pode ser feita com ‘gaa...go+infinitivo’, no entanto a gênese e a forma de uso serão discutidos com mais detalhes no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO ‘GAA+GO’ NO DIALETO SUÍÇO-ALEMÃO

Neste capítulo, dedicamo-nos à análise tanto da gênese quanto do processo de gramaticalização da construção *gaa...go*. Também objetivamos demonstrar o papel da metonimização na construção, tornando a construção mais ‘compacta’, sendo assim expressa somente por ‘*go*’, em certas ocasiões. Na seção de análise, temos o intuito de verificar se há um apagamento semântico do verbo *gaa* em seus contextos de uso na construção *gaa...go+infinitivo* bem como verificar se o verbo possui características de um auxiliar ou se há, ainda, apenas o sentido de movimento. Para tal, examinamos as propriedades dos auxiliares propostos por Heine e veremos como se aplicam ao verbo *gaa*. E por fim, medimos a gramaticalização do item por meio dos princípios de GR propostos por Hopper (1991).

4.1. A gênese da construção *gaa...go*

Em algumas línguas, construções perifrásticas de tempo futuro são formadas com a presença de uma preposição que denota direção ou finalidade (para, a, até). Dessa forma, construções com verbos de movimento podem ser formadas de duas maneiras: ‘verbo de movimento+infinitivo’ ou ‘verbo de movimento + prep + infinitivo’. Nesse sentido, presume-se que construções que levem uma preposição tenham se gramaticalizado de uma construção que tinha como primeira função apenas indicar um movimento rumo a uma meta para realização de determinada tarefa, uma finalidade. Línguas como o espanhol, o reto-romanche e o norueguês são exemplos de línguas em que há o uso obrigatório da preposição em suas construções perifrásticas com verbo de movimento, como é observado nos exemplos a seguir:

- (40) Voy a sentir tu cuerpo rozando mi piel
 Ir.1SG PREP sentir.INF POSS.2SG corpo roçando minha pele
 ‘vou sentir teu corpo roçando minha pele’

- (41) els vegnan a dir
 3SG vir.3SG PREP dizer.INF
 ‘Eles dirão’

- (42) Jeg komme-r til å være blå for alltid
 1SG vir.1SG PREP Marcador INF. ser azul PREP sempre
 ‘Eu serei azul para sempre’

Nas línguas latinas dos exemplos (40) e (41), temos a preposição ‘a’ que possui origem etmológica na preposição latina ‘ad’ e que, segundo Said Ali (1964:211), “começou a ser usada em latim para enunciar o conceito de direção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma coisa a outra”. Assim como a preposição latina, a preposição ‘til’, de acordo com o Booth (1837:249), tem origem na preposição proto-germânico ‘tila’ (evidenciando sentido semântico de ‘meta’, ‘até’, ‘para’) – usada na construção do exemplo (42) da língua norueguesa.

Da mesma forma que as formas de futuro do espanhol, do reto-romanche e do norueguês, Lötscher (1993) afirma que a construção *gaa...go*, do dialeto suíço-alemão, se gramaticalizou de uma construção de verbo de movimento com uma preposição. Nos exemplos a seguir podemos observar ambos os elementos essenciais na construção: verbo ‘*gaa*’ e a partícula ‘*go*’.

- (43) Wänn ‘s wädder aweng ebis isch, **gang-i** **go** schwimme. (BL)
 Se DET Tempo um pouco bom Estar IR-1PS PART nadar.
 ‘Se o tempo estiver bom, vou nadar’

- (44) Mer **gönd** **go** jöggele (BL)
 1PL ir.1PL PART fazer Cooper.INF
 ‘Nós vamos fazer Cooper’

Segundo Lötscher, a partícula *go* (ou *ge*, *gi* ou ainda *ga* ¹⁶(átono)) originou-se da preposição *gen*. A preposição *gen* enuncia assim como as preposições latina e proto-germânica, movimento, direção; e devido a um processo de ‘redução fonética’, a preposição acabou por tornar-se ‘*ge*’ ou ainda devido a nova forma de pronúncia átona: ‘*go*’. De acordo

¹⁶ Dependendo do dialeto pode se encontrar qualquer uma das formas.

com Lötscher, o uso de *gen* era preferível em frases nas quais havia a direção a um local com um nome (cidade) ou a um ponto (oeste, leste...), como no exemplo a seguir:

- (45) Ich gang **ge(n)** Basel
 1SG ir PREP Basel
 ‘Eu vou a Basileia’

A partir do momento em que a preposição passou a estar associada ao verbo, nota-se que com um predicado verbal seu uso se estendeu a outra função. A contrução passou a desempenhar função semelhante à construção ‘*gehen+um+zu*’ da língua alemã padrão. *Gaa+go* seria então um equivalente da construção no alemão padrão “*um+zu*” que denota uma finalidade na realização de uma determinada tarefa. A seguir, podemos observar o uso de ‘*gehen+um+zu*’ em alemão padrão (46) e a forma equivalente em suíço-alemão ‘*gaa...go*’ (47):

- (46) Ich gehe nach Deutschland um Deutsch zu lernen.
 1SG ir.1SG para Alemanha PREP alemão PREP aprender.INF
 ‘Vou para a Alemanha para aprender alemão’

- (47) Ich gang nach Döötschland gen döötsch lerne
 1SG ir.SG para Alemanha PREP alemão aprender.INF
 ‘Vou para a Alemanha para aprender alemão’

A partir da construção ‘*gaa...gen*’, o falante passaria a expressar sentenças que sugeririam um movimento a um determinado local para realizar determinada tarefa. A construção, dessa forma, também passou a denotar intenção. Quando o verbo é usado num sentido de movimento de um lugar a outro não há o uso da partícula ‘*go*’, apenas o verbo ‘*gaa*’ sem partícula. Como podemos observar nos exemplos a seguir, em (46) o verbo ‘*gaa*’ é usado apenas para enfatizar seu sentido pleno, já em (47) o verbo é usado em seu sentido pleno, mas recebe um verbo predicado e denota uma finalidade, uma realização de uma tarefa, e em (48) a construção demonstra uma intenção. Ao que se nota e nos leva a afirmar, assim como afirma Bybee quanto ao ‘*be going to*’, é que não é apenas ‘*gaa*’ que se gramaticaliza, mas sim toda construção: ‘*gaa...go+infinitivo*’.

(46) ich gang für ein Monet noch Indonesie (BL)

1SG ir PREP DET Mês PREP Indonésia.

‘Eu vou para indonésia por 1 mês’

(47) gö-mer da go es fondue schnousse (BL)

Ir-1PL LOC PART DET fondue comer

Nós vamos lá para comer fondue

(48) ich würd mal sege ich gang go ja stimme (BL)

1SG AUX PART dizer 1SG IR PART sim votar a favor.INF

‘Eu diria que eu vou votar a favor mesmo’

Como a preposição *soa* foneticamente similar ao verbo “*gaa*”, houve um entendimento do falante de que a construção ‘*gaa...go* + infinitivo’ seria uma repetição do verbo *ir*: “eu vou *ir*”. Segundo Lötscher (1993), tal reinterpretação foi facilitada pela similaridade fonética e, uma vez interpretada, se estendeu para os verbos *Choo* ‘vir’, *laa* ‘deixar’, e *aafaa* ‘iniciar, começar’, como podemos observar nos exemplos (49) e (50).

(49) Ich chume cho schaffe (BL)

1SG VIR PART trabalhar

‘Eu venho vir trabalhar’

(50) er faat faa schaffe. (BL)

3SG começar PART trabalhar

‘Ele começa começar trabalhar’

Essa ‘repetição’ foi denominada *kurzverben* (verbos curtos) por Nübling (1995) em um trabalho a respeito do fenômeno e, segundo a linguista, seria uma espécie de pleonasma do verbo. Essa repetição pode ser entendida como um processo de GR por meio de analogia, como sugere Hopper e Traugott (1993). A analogia refere-se à atração de formas existentes para construções também já existentes. É possível que o falante, por achar que a construção ‘*gaa...go*’ seria a repetição do verbo ‘*ir*’ do suíço-alemão, imaginasse que seria necessário a repetição de verbos que sugerem uma ação iminente; talvez seja essa a explicação para os únicos verbos em que há essa repetição – são todos verbos com aspecto incoativo.

Nos dois exemplos, encontramos a repetição do verbo ‘*choo*’ (vir), mas notamos que o falante usou, além da partícula *cho* (vir), a partícula *ge* (*Cho-ge*). Por meio desses exemplos, podemos afirmar que ‘*ge*’ possui, nos exemplos acima, uma função semântica de finalidade, função a qual a outrora preposição possuía na construção que deu origem a atual partícula.

Por meio da construção que levou à GR da preposição *gen*, podemos observar fatos que, segundo Bybee, são evidências do grau de GR do morfema. O primeiro fato é que a construção emergiu de um *chunking*: a construção do verbo de movimento+preposição no dialeto formou-se a partir de uma construção que passou a receber uma ordem fixa e, como explica Bybee, “o significado de uma construção é também representado por um conjunto de exemplares que são construídos, acessando o significado dos itens lexicais usados mais o significado no contexto geral”. Dessa forma, essas construções são usadas com novos itens lexicais e em novas maneiras através de referência por analogias anteriormente vivenciadas em outros exemplos da construção. A frequência para a expansão dessa construção é fato importantíssimo.

O segundo fato que encontramos na construção em análise é uma redução fonética, que também é apontada por Bybee (2010) e Heine (1991). O morfema *gen* passou por uma primeira redução fonética quando perde a consoante final, a vogal da forma ‘*ge*’ passou a ser pronunciada de forma átona. Pode-se, ainda, salientar que a outrora preposição *ge*, perdeu sua função semântica (de preposição), processo denominado ‘dessemantização’ por Heine. Tais perdas, semânticas e fonológicas, deram a então preposição status de partícula gramaticalizada e necessária na construção *gaa...go*.

4.2. A Metonimização na construção *gaa...go*

Durante a pesquisa dos dados para a análise deste trabalho encontramos ocorrências do morfema ‘*go*’ não acompanhado do verbo ‘*gaa*’. Entendemos que tal ocorrência seja um caso de metonimização por elipse. Segundo Noth (1993), na construção ‘*gaa...go*’ pode haver a omissão do *gaa* (ir) em sentenças na qual o verbo passa a ser um complemento. Neste caso, a partícula ‘*go*’, originada de uma preposição (*gen*) através do processo de GR, passa a exercer a função semântica de ‘*gaa*’ (verbo de movimento, ir).

(55) Ich will go poschte gaa
 1SG querer PART comprar ir
 ‘Eu quero ir comprar (ir às compras)’

(56) Ich will go poschte _____
 1SG querer PART comprar (omissão)
 ‘eu quero ir comprar (ir às compras)’

Neste caso, com a omissão de ‘*gaa*’, ‘*go*’ passa, de certa forma, a exercer funções que não exercia na construção, já que era apenas uma partícula obrigatória na construção, por ter se originado de um *chunking*. Devido a metonimização, a partícula agora é ‘invocada como ponto de referência para estabelecer contato mental com seu referente pretendido’ (Langacker, 1995:28).

Podemos então encontrar duas categorias de verbos que podem acompanhar a partícula: verbos de movimento, ‘ir’ e ‘vir’ (*gaa*, *choo*); e verbos modais, ‘querer’, ‘dever’ (*wölle*, *müesse/sölle*). A função semântica exercida pela partícula ‘*go*’ passa a dar características de futuridade às sentenças nas quais está inserida, como podemos observar nos exemplos (57), (58) e (59)

(57) Mir müend mal go esse am Fritig. (BL)
 1PL dever.1PL ADV PART comer.INF PREP Sexta-feira.
 ‘Nós devemos ir comer na sexta’

(58) es chunt go räge (BL)
 3SG vir.3SG PART chover.INF
 ‘vai chover’

(59) Mir wänd em grad go Tür ufmache (BL)
 1PL querer.1PL 3SG.DAT ADV PART porta abrir.INF
 ‘Nós queremos (ir) abrir (abriremos) a porta para ele’

Outro fato importante a ser mencionado a respeito da metonimização de ‘*gaa...go*’ é a omissão de ‘*gaa*’ quando um falante quer expressar uma realização de uma tarefa no passado. No português, o verbo ‘ir’ conjugado no pretérito perfeito seguido de um infinitivo torna-se uma perífrase para designar o pretérito perfeito (sábado fui visitar a minha mãe). Em suíço-alemão há uma construção similar, no entanto, o verbo *gaa* (ir) é omitido e, há a uso de auxiliares do tempo passado (*sii* ou *haa* (ser/estar ou ter)) mais a partícula *go* e o verbo predicado em questão. A partícula *go* devido a um processo de metonimização, por elipse, passou a exercer função semântica de ‘*gaa*’. Isso se deve a associação do morfema ao verbo no qual ela sempre vem acompanhada. Assim, uma mudança semântica por metonimização é aquela em que se desenvolve a relação de uma parte como um todo. A diferença dessa função de ‘*go*’ com a função anterior, com verbo de movimento e verbos modais, é que nesta construção representa a função de uma tarefa realizada no passado, enquanto que nas construções anteriores a partícula possui mais marcas de futuridadade. Nos seguintes exemplos, poderemos observar melhor como a partícula se comporta em tais construções.

(60) Uf Basel bin ich noch nie ggange (BL)

PREP Basel ser. AUX 1SG ainda nunca ir.PARTC

‘A Basel eu nunca fui’

(61) Ich bin go Pizza und uuu feine Schoggichueche esse. [ggange] (BL)

1SG ser.AUX PART Pizza e DET Maravilhoso bolo de chocolate comer.INF

‘Eu fui comer Pizza e um maravilhoso bolo de chocolate’

(62) a üsem letste tag sind mir den no go ä tattoo mache

PREP POSS.1PL último dia AUX 1PL CONJ ainda PART DET tatuagem fazer

‘No nosso último dia ainda fomos fazer uma tatuagem’

No exemplo (60) há uma construção de pretérito. Notamos ali que para o falante dizer ‘fui’ há a necessidade do verbo ‘ser’ – auxiliar – mais participio de ‘ir’ (*bin ggange*). No entanto, como podemos observar em (61) e (62), as autoras dos textos contam sobre um fato que aconteceu em determinada data no passado. Normalmente essas sentenças que usam a partícula *go* para se referir ao pretérito perfeito vem acompanhadas de um advérbio de tempo. Essa construção serve como forma de expressar uma ação realizada no passado com

uma data específica. A construção incompleta em (61) ‘*I bin go ässe*’ representa o todo ‘*I bi go ässe ggange*’ (fui comer). Podemos, então, concluir que a partícula *go* realmente passou a ser uma parte da construção que significa o todo, apresentando autonomia.

4.3. Verbo pleno ou verbo auxiliar

O objetivo desta seção é analisar o verbo *gaa* e seus contextos de uso na construção *gaa...go+infinitivo* para verificar se há um apagamento semântico; bem como verificar se o verbo possui características de auxiliar ou se há, ainda, apenas o sentido de movimento; e o grau de gramaticalização por meio dos estágios de GR de Heine. Para tal, utilizamos as propriedades de Heine (todas aquelas listadas na seção sobre auxiliares que vão de “A” a “R”) para medir o grau de auxiliariade e vermos como se aplicam ao verbo *gaa*.

4.3.1 Aplicação das propriedades dos auxiliares e os estágios da cadeia verbo para TAM

a) Também ocorre como verbo pleno

A primeira propriedade de Heine, aplicável ao caso de ‘*gaa*’, é o fato de que auxiliares também ocorrerem como verbos plenos. O verbo ‘*gaa*’ em sua forma plena (verbo de movimento), como pode-se constatar em (63) e (64), expressa seu significado original movimento.

(63) I gang es Johr als Aupair noch San Francisco go Englisch lerne (BL)
 1SG Ir DET ano CONJ Aupair para São Francisco PREP Inglês aprender
 ‘Esse ano vou para São Francisco como Aupair para aprender inglês’

(64) Ich gang immer migros restaurant go esse (BL)
 1SG ir sempre migros restaurante PREP comer
 ‘Eu vou sempre ao restaurante da Migros para comer’

b) Sustenta expressão conceitual de domínio de tempo e forma um conjunto fechado de unidades linguísticas.

Uma segunda propriedade se refere o fato de haver uma formação de um conjunto de unidade linguística. Como podemos observar o conjunto ‘*gaa...go+infinitivo*’ representa em certas construções a incoatividade ou futuro próximo. No exemplo (65), podemos observar que a intenção do falante é transmitir uma ação que ocorrerá em uma determinada data, enquanto em (66) há uma pergunta sobre algo a ser feito no futuro, não especificando data. Dessa forma é possível notar que a construção denota um sentido de tempo, não de movimento. Nota-se também que a partícula ‘*go*’ nos exemplos a seguir apenas compõe o conjunto para a transmissão da mensagem, não possuindo neste caso nenhuma função semântica.

(65) Morn gang-i en neui Wohnig go aluege (BL)
 Amanhã ir-1SG DET novo Apartamento PART olhar
 ‘Amanhã vou olhar um novo apartamento’

(66) [...] “*wenn du meinsch dini Nase isch schöner wieso gasch sie denn go operiere???*”
 “Se você acha o seu nariz bonito porque você vai opera-lo então???”

wieso gasch sie denn go operiere
 Por que Ir 3SG.ACC então PART operar
 ‘Por que vai operá-lo então?’

c) Carrega todas as informações morfológicas relativas ao predicado

Observa-se também que o verbo ‘*gaa*’ não é o predicado semântico principal da oração em que se insere, funciona apenas como auxiliar do verbo principal. Em relação às informações morfológicas do verbo predicator principal nota-se que são todas carregadas pelo auxiliar ‘*gaa*’. Como demonstrado nos exemplos (67) e (68), ‘*gaa*’ se flexiona e carrega a informação de flexão de pessoa, número, e a negação é sempre posterior ao verbo *gaa*.

(67) aber jetzt gang-i no paar lüt in texas und oklahoma go bsueche(BL)
 CONJ ADV ir-1SG ainda par pessoas PREP Texas e oklahoma PART visitar.INF
 ‘mas agora vou visitar (visitarei) algumas pessoas no Texas e Oklahoma

(68) sie goht nid mit dir go tanze (BL)
 2SG Ir.2SG NEG CONJ 2SG.ACC PART dançar.INF
 ‘Ela não vai dançar contigo’

d) Ocorre em uma ordem fixa e em uma posição fixa na cláusula

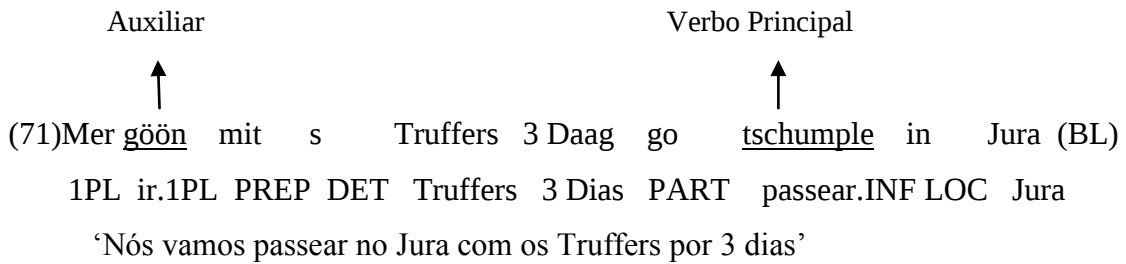
Quanto à estrutura, a construção possui uma ordem fixa que é determinada pelo tipo de sentença em que se insere. A ordem SVO, mais comum, : ‘*gaa...go+ verbo no infinitivo*’. Em sentenças relativas envolvendo a construção, a sequência deverá ser SOV: ‘*go+Verbo no infinitivo +gaa*’. Nos exemplos (69) e (70) podemos observar tais sequências da construção:

(69) Ich gang was go ichaufe
 1SG ir algo PART comprar.INF → SVO
 ‘Vou comprar algo’

(70) dass [ich was go ichaufe gang]
 PREL [1SG algo PART comprar.INF ir.1SG] → SOV
 ‘que eu vou comprar algo’

e) Ocorre separadamente do verbo principal

O verbo ‘*gaa*’, como podemos observar em todos os exemplos, não sofre nenhum tipo de aglutinação ou encliticização com o verbo principal; ocorre sempre separado do verbo principal. Como os verbos principais em sentenças SVOV sempre estão no fim da oração, não há nenhuma possibilidade de haver tal aglutinação. No exemplo (72) a seguir podemos observar a posição do auxiliar e do verbo principal:

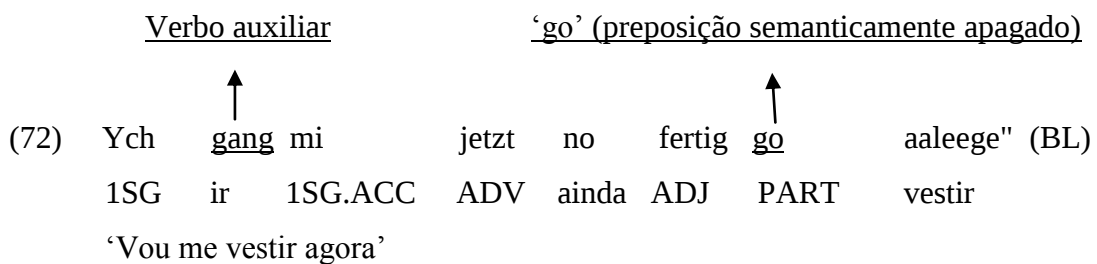


f) Quando exerce a função de auxiliar, não é governado por nenhum outro auxiliar

g) Ao contrário de verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.

Não encontramos nenhum caso de ‘*gaa*’ sendo governado por outro auxiliar quando exerce sua função de auxiliar um verbo predicado. Além disso, podemos também afirmar, com observação nos dados e consultando o trabalho de Keller (1961), que o verbo também não pode ser nominalizado. Por exemplo, o verbo ‘*ichaufe*’(ir as compras) pode ser nominalizado com um artigo, ‘*s’ Ichaufe*’(o ir as compras); diferente do verbo ‘*gaa*’ que não possui tal utilização.

Quanto às propriedades restantes, apresentadas por Heine, não se encaixam na contrução aqui estudada. Referente à propriedade que sugere a auxiliariedade em caso de verbos associados a um elemento adjacente, notamos que no caso do verbo ‘*gaa*’ que apesar de a partícula ‘*go*’ estar próxima ao verbo ‘*gaa*’ em sentenças mais comum, não podemos considera-lo como elemento adjacente do verbo em questão por não estar sempre adjacente ao verbo. Como vimos anteriormente no caso da GR de ‘*be going to*’ há um elemento adjacente sempre presente nessa construção e inserido após ‘*be going*’, ou seja, ‘*to*’. Logo conclui-se que o ‘*gaa*’ não possui um elemento adjacente, pois ‘*gaa*’ raramente aparece posteriormente ao verbo. No exemplo (72), podemos identificar a posição ocupada por cada um em uma sentença SVOV.



A partir das evidências até então observadas, podemos constatar e concluir que ‘*gaa*’, possui algumas características de auxiliares. Dessa forma, podemos considerá-lo um auxiliar por apresentar uma quantidade expressiva das propriedades de auxiliares propostas por Heine. A seguir listamos as propriedades acima analisadas e que se encaixam no caso de ‘*gaa*’.

Quadro 3 – *Gaa* auxiliar e as propriedades semânticas de Heine (1993)

<i>Gaa</i> auxiliar e as propriedades semânticas de Heine (1993)
--

- Sustenta expressão conceitual para o domínio de tempo.
- Forma um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- Também ocorre como verbo pleno.
- Não é o principal predicado (semântico) da oração.
- Carrega todas as informações morfológicas relativas ao predicado [...].
- Ocorre separadamente do verbo principal.
- Está ligado a um elemento adjacente.
- Ao contrário de verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.
- Ocorre em uma ordem fixa e em uma posição fixa na cláusula. (a depender da composição da sentença (SOV ou SVO))

Quanto aos estágios “verbo para TAM” propostos por Heine, há uma sequência de estágios de ‘A’ a ‘G’, que evidenciam a perda semântica de verbos e os estágios que evidenciam a formação de uma perífrase vão de ‘A’ a ‘C’. Os outros estágios, ‘D’ a ‘G’, apresentam estágios que levam a origem de um afixo. Aplicando os estágios de A a C ao caso de ‘*gaa...go*’ podemos constatar as seguintes conclusões:

Segundo Heine, no estágio inicial, A, o verbo em sua forma plena leva um argumento que tipicamente se refere a um objeto concreto. Podemos observar nas ocorrências em (73) e (74), a seguir, que nas sentenças o verbo ‘*gaa*’ expressa seu significado de movimento/locomoção, há apenas a menção de movimento rumo a um local.

(73) ich gang immer in Luzern (BL)

1SG Ir.1SG sempre LOC Luzern

“Eu sempre vou a Luzern”

- (74) Sie gönd vo Huus zu Huus (BL)
 3PL ir.3PL PREP casa PREP casa
 ‘eles vão de casa em casa’

Em estágio posterior,B, o verbo ainda possui seu significado pleno, mas leva um complemento verbal que se refere a uma situação dinâmica, que pode ser expresso de diferentes formas, tais como um infinitivo, um gerúndio, um partícipio. No caso de ‘*gaa*’, seu complemento passa a ser um infinitivo. É o que se observa no exemplo (75), em que o verbo indica um movimento a um determinado local com uma finalidade ‘centro – aproveitar o dia’. Já em (76) o verbo indica uma ação que ainda sugere movimento ou ainda uma intenção ‘estou na sala e vou para o quarto dormir’.

- (75)[...]ond gönd den Downtown euse Tag go usschwemme (BL)
 CONJ Ir.1PL DET.ACC Centro POSS.1PL dia PART aproveitar.INF
 ‘...e vamos ao centro para aproveitar o nosso dia’

- (76) ich gang mal go schlafe (BL)
 1SG ir ADV PART dormer.INF
 ‘eu vou dormir’

A partir daí,C, as restrições a certos verbos predicados se afrouxam e o verbo adquire certo significado gramatical. O verbo pode apresentar até mesmo um complemento no qual o verbo seja etimologicamente idêntico, como se vê em (77), no qual o verbo *fahre* tem significado de ‘ir’ mas ‘ir de carro’, ou seja, um verbo de movimento. O mesmo ocorre no exemplo (78), no qual o complemento verbal também transmite noção de movimento (caminhar). Vejam-se os exemplos:

- (77) wo gasch du go fahre? (BL)
 Onde ir 2SG PART ir de carro.INF
 ‘Onde você vai ir (de carro)?’

- (78) find-s, schön, dass diä zwöi zäme gönd go laufe! (BL)
 Achar-3SG bom que DEM duas juntas ir PART caminhar.INF
 ‘Acho legal que ambas vão caminhar juntas’

Em estágio mais avançado, de acordo com Heine, normalmente há uma relação com duração, velocidade ou características adjacentes ao evento denotado. Uma diferença em relação ao estágio anterior é que, nessa fase, os itens tendem a formar uma única unidade semântica com seus complementos. Percebemos, então, que é nesta fase em que se dá início ao apagamento semântico do auxiliar, que passa a compor junto com ao verbo auxiliado uma só unidade:

- (78) Ich gang die nächschte 2 Woche no uf LA go schaffe (BL)
 1SG Ir.1SG DET próxima 2 semanas ainda PREP LA PART trabalhar.INF
 ‘ Nas próximas duas semanas eu vou trabalhar em Los Angeles.’

- (79) ja verdammt! und jetzt gang entli go sterbe :D :tot: (BL)
 Sim maldito! CONJ agora Ir.1SG finalmente PART morrer.INF morto
 ‘ sim maldito! E agora finalmente eu vou morrer :D : morto:’

Como podemos observar em (78) o verbo ‘*gaa*’ junto ao verbo principal *schaffe* (trabalhar) é usado para explicitar algo que vai ocorrer no futuro. Pode ainda, o leitor conceber a sentença como dúvida, ou seja, a sentença poderia estar se referindo a um movimento rumo a um local para a realização de uma tarefa, no entanto a sentença (79) demonstra que de fato o verbo perde suas propriedades lexicais dando lugar a propriedades gramaticais, ‘vou morrer’ não apresenta nenhum sentido dúbio ao verbo ‘*gaa*’.

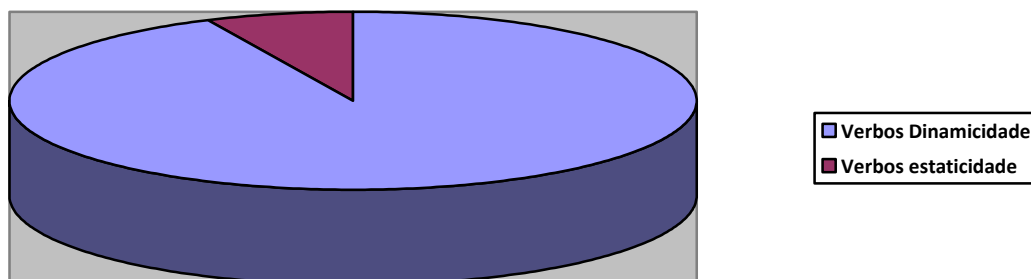
Segundo Heine, alguns autores enfatizam que, apesar da perda semântica de um item gramaticalizado, pode haver ganhos também, como por exemplo o que se nota nos verbos de movimento, que perdem conteúdo lexical, mas desenvolvem a função de marcador de futuro. Ou seja, seu significado de movimento é apagado, no entanto, ganham uma nova função semântica, de domínio mais abstrato, indicando predição ou futuro no espaço cognitivo de tempo.

4.4. A integração do verbo *gaa* com verbos predicadores

Nesta seção, temos como objetivo demonstrar a integração do verbo *gaa* com as diferentes naturezas semânticas dos verbos infinitivos que aparecem como predicados nas sentenças, evidenciando assim as classes semânticas podem aparecer numa sentença com a construção. Assim, conforme a classificação de Chafe (1979) há duas categorias em que os verbos se dividem: dinâmicos e estativos. Dentro da categoria dinâmica, os verbos se subdividem em: **verbos de ação**, que expressam uma atividade realizada pelo sujeito agente (ir, dançar, nadar); **verbos de processo**, que expressam um evento ou uma sucessão de eventos que afetam o sujeito paciente ou experienciador, expressam um ACONTECER (ele acordou, a chuva parou); e verbos **ação-processo**, em que há ao mesmo tempo um FAZER e um ACONTECER (Maria estragou o computador, João bateu o carro). Na categoria estativo, os verbos de estados se subdividem em verbos existenciais, locativos, epistêmicos, perceptivos, psicológicos e copulativos. Essa análise se torna importante visto que ocorrências de *gaa* apenas com verbos da classe semântica de ação podem configurar apenas como construções que expressam ‘um movimento rumo a determinado local para realização de determinada tarefa’; enquanto usos de outros verbos poderiam evidenciar que a construção pode ser usada com verbos de outras classes semânticas e como consequência disso seu uso também poderia expandir e tornar-se uma forma de expressar um tempo verbal, passando assim a referir-se a um domínio funcional.

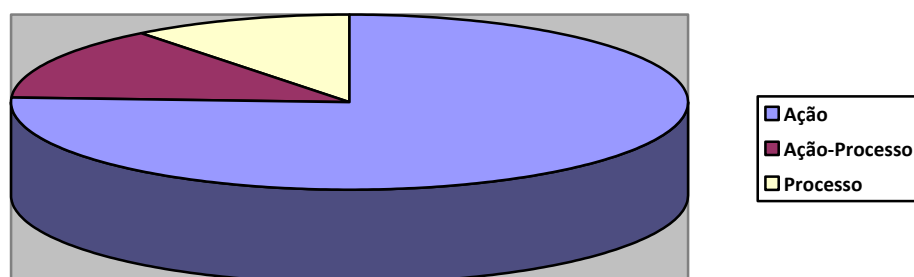
Dos enunciados do *corpus* (182 casos), há 71 verbos combinados ao auxiliar *gaa*, sendo possível encontrar 66 ocorrências com verbos que se encaixam na categoria dinâmicos e apenas 5 que se encaixam na categoria estáticos (aguardar, morar, conhecer, ver, escutar).

Gráfico 1- Verbos estáticos e dinâmicos



Dentro da categoria verbos dinâmicos, podemos encontrar 50 verbos de ação, 7 verbos de processos (tais como: dormir, esquecer, morrer, acordar etc.) e 9 verbos de ação-processo (tais como gastar (dinheiro), fechar (bolsa, porta), matar etc.):

Grafico 2 – Subdivisão verbos dinâmicos



Não foi encontrado, entre os dados, verbos de sensação, existência e psicológicos como pensar, lembrar, entender, decidir, ser/estar, ficar, ter; como complementos de *gaa*. É possível que tais classes de verbos ainda causem estranheza aos falantes se combinados com o verbo *gaa*. Além disso, há outras opções para a formação do futuro: o falante pode usá-los no presente com sentido de futuro ou também usá-los com o auxiliar *werde*. No entanto, segundo alguns falantes é possível a formação de *gaa...go* e o verbo *nache dünke* (pensar, refletir sobre algum assunto).

(80) Ich gang über s problem go nache dünke (EN)

1SG ir.1SG PREP DET problema PART pensar

‘Vou pensar sobre o problema’

A explicação para o grande número de verbos dinâmicos (a maioria de ação) é devido ao fato de a construção ter mais intuito de se referir ao futuro imediato. Dessa forma a predição é sempre sobre algo a ser feito, algo que o falante planeja fazer. Como analisamos algumas sentenças do verbo ‘ir’ do português no capítulo I, notamos que na GR de verbo de movimento há um estágio entre a passagem de futuro próximo para futuro. Contatamos que o estágio ‘futuro próximo’ apresenta mais ações a serem realizadas, intenção e algumas ações futuras. A passagem de ‘futuro próximo’ para ‘futuro simples’ é caracterizada pelo aumento de verbos estáticos, já que tais classes semânticas não se referem a ações a serem realizadas de imediato.

Alguns contextos em que um verbo de movimento aparece com verbos de ação como complementos, pode, segundo Heine (1993), caracterizar num contexto de ambiguidade, pois pode haver dois contextos diferentes simultaneamente. Há de fato exemplos de sentenças com ambiguidade, no entanto, outras sentenças apontam para uma realização de algo a ser feito pelo falante, como uma decisão ou algo planejado. Grande parte dos exemplos apresentava um advérbio (amanhã, próximo mês, dias da semana, próximo ano) acompanhando a construção, evidenciando assim que as sentenças se referiam a um futuro imediato ou intenção. Nos exemplos (81) e (82), respectivamente, podemos verificar o uso de advérbios com os verbos de ação e ação-processo. É possível também haver construções com condicional, em que há planos, mas não se pode ter tanta certeza se de fato se concretizará (83). Com verbos estativos como ‘esperar’/‘aguardar’ observa-se que o contexto de ambiguidade não é mais possível (84).

(81) morn gangi go ne handy chaufe ! (BL)
 amanhã ir-1SG PART DET celular comprar!
 ‘amanhã vou comprar um celular’

(82) und morn gang-i denn no go s letste geld verprasse!!(BL)
 CONJ amanhã ir-1SG então ainda PART DET último dinheiro gastar!!
 “E amanhã eu ainda vou gastar o último dinheiro”

(83) “Wenn ich s nächschte Mal in München bin, gangi die Fischchatz go aluege (BL)
 Se eu estiver em Munique na próxima vez, vou olhar o Fischatz

Gang-i die Fischchatz go aluege”
 Ir-1SG DET Fischchatz PART olhar (contemplar)
 ‘...vou olhar o Fischchatz’

(84)[..] “Und de gang-i de au go warte so lang bis usä chömed und Autogramm gebed”
 E eu também vou esperar lá até que eles venham e dê Autografo. (BL)

Und de gang-i de au go warte so lang (BL)
 E DET ir-1SG lá também PART esperar muito tempo
 “E eu também vou esperar lá até que...”

4.5. Os princípios de Gramaticalização de Hopper

Hopper (1991) propôs princípios para testar o grau de GR dos itens lexicais. Sua intenção não era analisar se determinado item pertencia ou não à gramática, não fazendo distinção entre os processos de mudança linguística que culminam em GR ou não. Dos cinco princípios de GR Hopper (estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização), apresentados anteriormente, podemos aplicar todos à construção *gaa...go* do dialeto suíço-alemão. Como os princípios propostos pelo autor são para itens cuja GR está em um estágio inicial, podemos então aplicá-los ao verbo ‘*gaa*’ que na construção em análise passou, em certos contextos, a exercer o papel de marcador de futuro próximo.

A Estratificação

O primeiro princípio, da **estratificação**, postula que dentro de um domínio funcional, novas camadas estão continuamente emergindo, enquanto isso acontece, camadas velhas não são descartadas, mas continuam a existir e a interagir com as camadas mais novas. O “domínio funcional” é entendido por Hopper como alguma área geral funcional – tempo, aspecto, modalidade. Conforme o autor, as camadas podem ainda ser especializadas por itens lexicais particulares, classes particulares de construções. Como o próprio Hopper afirma, nuances de ‘tempo futuro’ podem ser muito ricas. Assim, no dialeto suíço alemão podemos encontrar três camadas coexistentes num domínio funcional: o uso do presente para se referir ao futuro (85); o uso do auxiliar *werde* (86); e o uso da construção *gaa...go* (87) e (88). Para tal conclusão podemos nos recorrer a duas informações. A primeira é a afirmação de Westik (2000:246) que com base em análises empíricas sugere que o uso de ‘*werden*’ como marcador de tempo futuro tenha emergido na primeira década do século 14 nas áreas onde hoje correspondem aos dialetos do médio alemão (leste) e alto alemão (região central), antes disso havia apenas dois tempos na língua presente e passado. A segunda é afirmação de Baur (1977: 107) que diz que não é correto usar ‘*weerde*’ (forma suíça-alemã de *werden*) para se referir o futuro, o correto é o uso do tempo presente com advérbios. O suíço-alemão guarda ainda muitas formas arcaicas dos antigos dialetos falados na região como verbos e o uso do presente para se referir ao futuro. Dessa forma podemos afirmar que a forma de se referir ao futuro com o tempo presente é uma camada antiga e o uso de ‘*weerde*’ como uma camada nova. Como uma camada mais nova podemos sugerir ‘*gaa...go*’, uma vez que não encontramos

tantos dados com outras classes de verbo senão a de ação. Nos exemplos a seguir podemos ver o uso de cada uma das formas.

(85) Negst Woche schaffe ich nöd (BL)

Próxima semana trabalhar 1SG não

‘próxima semana não trabalho’

(86) morn wirsch du mit neue Gefühl ufwachä (BL)

Amanhã AUX.FUT 2SG com novo sentimento acordar.INF

“Amanhã você acordará com novo sentimento”

(87) do gang ich go wohne in e paar Mönnet (BL)

ADV ir 1SG PART morar PREP DET par Meses

‘vou morar lá por alguns meses’

(88) negst Wuche gönd mir die potenzieli Tagesmuetter go kennelerne. (BL)

Próxima semana ir 1PL DET potencial babá PART conhecer.INF

“Próxima semana nós vamos conhecer a possível babá”

Em vista do exposto, as camadas existentes no suíço-alemão podem ser entendidas como:

‘ <i>gaa...go</i> ’	(camada mais nova)
Auxiliar ‘ <i>werde</i> ’	(camada nova)
Tempo Presente (para se referir ao futuro)	(camada antiga)

A Divergência

Quanto ao princípio da **divergência**, é o princípio que por meio da GR resulta em pares ou múltiplas formas tendo em comum uma origem etimológica, mas divergindo funcionalmente. Podemos notar que a construção ‘*gaa...go*’ é usada em dois contextos diferentes. Em (89) a construção está mais relacionada a uma predição, algo que o falante

planeja fazer no futuro, a função do verbo de movimento nesse caso apresenta uma função mais gramatical. Em (90) a construção é usada num sentido de movimento a algum lugar para realizar determinada tarefa, ou seja, seu uso como verbo de movimento.

- (89) “*Merci! Jo, i letster Zit sinds recht oft unterwegs gsi: Paganfest, baden in Blut, Summer breeze.. Abo live chani nöd gnueg ha vo ine, drum gangi si bald wider go luege.. Im Oktober chömets glaubs wider hehe. Du hesch si au scho live gseh?*” (BL)

“...drum gangi si bald wider go luege”

Por isso Ir-1S 3PL.ACC breve de novo PART ver.INF

‘ por isso em breve os verei de novo ’

- (90) “*Lieber gosch Hei go wixe als das e schnelli Nummere machsch und wennd kei Kondom debii hesch*” (RT)

Lieber gosch Hei go wixe als e schelli Nummere mach-sch

Preferível ir.2SG Casa PART masturbar CONJ DET rápido sexo Fazer-2SG

‘ Preferível que você vá para casa se masturbar do que fazer sexo rápido... ’

A Especialização

Como está num estágio inicial, a construção que se refere ao futuro, pode em muitos casos, ser substituída pelo verbo auxiliar ‘*werde*’, auxiliar que pode ter como verbo principal qualquer verbo. Em relação ao auxiliar *gaa*, como vimos na seção anterior, não é possível encontrar, ao menos em textos, *gaa...go* e o verbo *sii* (ser ou estar) e outros verbos estativos. Verifica-se, assim, de acordo com o princípio da **especialização**, que a construção ainda não atingiu um grau tão elevado quanto ao uso de marcador de futuro do presente, no entanto seu uso para expressar o futuro imediato é bastante expressivo. Podemos afirmar de acordo com os resultados obtidos de verbos dinâmicos e estativos, que a construção no atual estágio se especializou em construções de futuro imediato com verbos de ação para se referir na maioria das vezes a uma situação iminente.

- (91) morn gang-i am mami go schuel zeige (BL)

Amanhã Ir-1SG PREP mamãe PART escola mostrar

“Amanhã vou mostrar a escola para a mamãe”

(92)[...]Im Februar göön mer zämme go Schyyfaahre.(RJ)

PREP fevereiro ir.1P 1P juntos PART esquiar

‘Em fevereiro nós vamos esquiar’

(93)Ich go mit de CentralHeli vo Megge am Flugplatz Buttwil go flüüge!

1SG ir CONJ DET CentralHeli PREP Megge PREP Aeroporto Buttwill PART voar

‘Vou voar com a CentralHeli de Megge no Aeroporto Buttwill’ (BL)

A Persistência

O princípio da **persistência** postula que quando um morfema se gramaticaliza do estágio de função lexical para gramatical alguns traços da forma lexical podem permanecer na nova forma gramatical. Como foi evidenciado nos capítulos anteriores ‘*gaa...go*’ se gramaticalizou em contextos os quais havia movimento rumo a um lugar ou direção para a realização de uma meta. Como podemos observar no (94) abaixo há uma indicação de um lugar (a casa do pai) e a realização da tarefa que é a visita ou seja, o verbo com valor de movimento. Quando a sentença é usada num sentido de deslocamento no tempo vemos que apesar da omissão do local a sentença ainda pode ser entendida como um movimento a um local para a realização de uma tarefa (95). Podemos perceber que o verbo ainda reflete funções do estágio inicial da construção, podendo ser interpretado tanto como verbo de movimento quanto de um verbo auxiliar do complemento verbal.

(94) Ich gang i.d Schtadt min Vater go bsueche (BL)

1SG ir.1SG LOC.DET cidade POSS.1SG pai PART visitar.INF

‘vou para a cidade visitar meu pai’

(95) ich gang mine alte beschte kolleg und kollegin go bsueche (BL)

1SG ir.1SG POSS velhos melhores amigos CONJ amigas PART visitar.INF

“Vou visitar meus melhores amigos e amigas”

Dessa forma podemos interpretar a sentence em (95) tanto como um movimento quanto deslocamento no tempo, a intenção intenção de visitar os melhores amigos.

A Descategorização

E por fim, em relação à descategorização, observamos que o verbo ‘*gaa*’ passou a desempenhar o papel de auxiliar em sentenças como (96) e (97). Nota-se que, de verbo pleno, o item passa a desempenhar função gramatical, de auxiliar, evidenciando o princípio da **Descategorização**. Como pudemos observar em vários exemplos dados anteriormente, a construção inicial tinha como intuito transmitir a ideia de movimento a um local para realização de uma determinada tarefa. Nos exemplos abaixo notamos que o verbo de movimento ‘*gaa*’ perdeu a propriedade de ser centro de predicação, propriedade de verbo pleno. Assim, com base nesses exemplos pode se afirmar que há uma descategorização, pois o verbo não exerce sua função de verbo pleno, mas sim uma função gramatical, ou seja, a função de auxiliar, demonstrando dessa forma uma mudança de categoria. É possível verificar nos exemplos (96) e (97) que os verbos principais *lose* e *weckä* são os centros da predicação e não ‘*gaa*’.

(96) und wenns dir nid gfallt, den gang doch anders züüg go lose.

E COND 2SG.ACC NEG agradar ADVir.1SG ADV outra música PART ouvir
 “e se não te agradar, aí eu vou escutar outra música” (BL)

(97)“...und will d'chinde meischtens scho am morge vorem achti ufstönd und alli chefs gönd
go weckä, chunnt mer nöd grad unbedingt viel schlaf über” (BL)

“... e pelo fato da maioria das crianças já levantarem de manhã antes das oito e todos os guias vão acordar, aí não se pode dormir muito”

Alli chefs gönd go weckä
 Todos guias ir.1PL PART acordar
 ‘ todos os guias vão acordar’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma análise da GR do verbo holandês ‘*gaan*’ (ir) feita por Ten Cate (1991 apud Hilpert 2008), o autor constatou que a ocorrência de *gaan* sofria restrições quanto a verbos estativos como *hebben* ‘ter’ e *zijn* ‘ser’, verbos que podem ser livremente combinados ao tradicional auxiliar *zullen* (comentado na seção sobre auxiliares). O mesmo pode ser observado com os auxiliares ‘*werde*’ e ‘*gaa*’, que como vimos, ‘*gaa*’ não pode ser encontrado auxiliando muitos verbos estativos ainda. Ten Cate também observou que *gaan* é preferível se um evento futuro resulta de uma causa presente como, por exemplo, a intenção de um agente. Observamos que a intenção nos exemplos dados era uma das principais ocorrências encontradas, principalmente por encontrarmos muitos exemplos com a primeira pessoa do singular. A conclusão do trabalho de Cate é de que *gaan* codifica incoatividade e futuro próximo, enquanto *zullen* é usado para marcar eventos num futuro mais distante. Como podemos observar por meio de vários exemplos, a construção *gaa...go* aparece muitas vezes acompanhada de advérbios de tempo, o que demonstra aspectos de incoatividade e futuro imediato/próximo. Encontramos casos nos quais *werde* apresentava um futuro próximo, mas com verbos aos quais *gaa* ainda não pode auxiliar (estativos). Dessa forma, podemos destacar o papel da frequência no futuro de ambos os morfemas: Uma frequência maior da construção *gaa...go* pode causar dois resultados: a primeira é uma gama maior de verbos que podem ser combinados com o verbo *gaa*; e a segunda é especialização da forma *gaa...go* somente para se referir ao futuro e como consequência disso o desuso, ou menor uso, do auxiliar ‘*werde*’ para se referir ao tempo futuro.

Com base nas análises apresentadas à luz da teoria da GR (que incluem os princípios de Hopper, a auxiliarização de Heine, processos cognitivos proposto por Bybee *et alli*), pôde-se atestar que o verbo *gaa* é um item lexical que está passando por um processo de GR, pois observamos que o verbo passou a exercer funções gramaticais em certos contextos. No entanto, ao nos depararmos com fatos como o uso paralelo da nova e velha forma e o pequeno número de verbos estativos aos quais a construção pode estar associada, podemos afirmar e concluir que a GR de ‘*gaa*’ como auxiliar ainda se encontra em um estágio incipiente.

Em relação ao caráter gramatical que o verbo passou a exercer pudemos constatá-lo através das análises de auxiliarização de *gaa*, função também comprovada por meio da aplicação das propriedades de Heine (1993). A verificação do caráter de auxiliar pôde

também ser constatada por meio do princípio da descategorização, que evidenciou a passagem da função lexical de *gaa* (como verbo de movimento) para a função gramatical, demonstrando dessa forma o caráter gramatical que o verbo passou a exercer devido a GR.

Quanto a redução fonética, que autores como Heine (1993) e Bybee (2003) afirmam estar sempre presentes em casos de GR pôde-se verificar que a preposição ‘*gen*’ foi o único elemento a receber a redução fonética e por conseguinte um apagamento semântico perdendo toda a sua autonomia, considerado assim um item em alto grau de GR. Por meio da GR a preposição passou a exercer apenas a função de partícula obrigatória na construção. Ainda em relação à partícula, pôde se observar que devido a um processo de metonimização por elipse, a partícula passou, também, a exercer nova função, em certos contextos, função alativa.

A análise dos dados mostrou que a construção é muito usada para se referir à iminência, e o futuro iminente pode ser classificado como uma especialização da construção. Fora da classe semântica de verbos de ação, há poucos verbos estativos combinados com *gaa* e não encontramos sujeitos inanimados ou o pronome neutro ‘*es*’ associado ao verbo.

Vistas tais observações, concluímos que, apesar de estar em estágio incipiente, pode se afirmar que mais uma vez um verbo de movimento é empregado em uma língua para a marcação de futuridade ou intenção. A evidência disso é como pudemos ver: o uso do verbo como auxiliar e algumas classes semânticas de verbos predicadores aos quais seu uso está se estendendo, verbos que não marcam somente ação, mas estaticidade, como o verbo ‘*wohne*’ (morar). Dessa forma o verbo *gaa*, passa a integrar casos de verbos de movimentos que são ‘predestinados’ a se gramaticalizar como marcadores de futuridade, reforçando assim a teoria dos aspectos cognitivos na linguagem humana.

VERBOS COMBINADOS A CONSTRUÇÃO DO DIALETO SUÍÇO-ALEMÃO ENCONTRADOS NO CORPUS

Tabela 3 – Verbos principais

Suíço-alemão	Português	Suíço-alemão	Português
Kaufe/chaufe	Comprar	Trinke	Beber
Kennelerne	Conhecer	Asse	Comer
Bsueche	Visitar	Tanze	Dançar
Fahre	Ir (de carro, trem)	Wäsche	Lavar
Reise	Viajar	Ufstelle	Levantar, erguer
Mache	Fazer	Vorbereite	Preparar
Flüüge	Voar	Bstelle	Pedir, encomendar
Nache dänke	Pensar	Lösche	Apagar
Luege	Olhar	Wandere	Caminhar
Verkaufe	Vender	Gratuliere	Parabenizar, felicitar
Spaziere	Passear	Operire	Operar
Schyyfaahre	Esquiar	Reiche	Alcançar, entregar
Schloofe	Dormir	Moole	Pintar
Spiile	Jogar, tocar	Abgääh	Dar, distribuir
Entschuldige	Desculpar-se	Abläsä	Colher
Singe	Cantar	Umtusche	Trocar, permutar
Hole	Buscar	Verprasse, vertue	Gastar
Jätte	Caçar	Wohne	Morar
Vergässe	Esquecer	Schwimme	Nadar
Sterbe	Morrer	Jöggele	Fazer Cooper
Schaffe	Trabalhar	Tschutte	Jogar futebol
Sueche	Procurar	Töde	Matar
Versueche	Tentar	Izahle	Pagar
Verbrönne	Queimar	Froge	Perguntar
Öbernachte	Pernoitar	Tanke, tangge	Abastecer
Ligge	Estar deitado, estar situado	Aspreche	Dirigir a palavra a, abordar
Lege	Por, colocar	Zeige	Mostrar
Stimme	Votar a favor	Vorstelle	apresentar
Wähle	Escolher	Helfe	Ajudar
Weckä	Acordar, despertar	Informiere	Informar
Warte	Esperar	Vergrabe	Enterrar
Lose	Escutar	Treffe	Encontrar
Diskutiere	Discutir	Tue	Fazer
Laufe	Correr, ir, andar	Nutze	Aproveitar
Lese	Ler	Sich Aalege	Vestir-se
Säge	Dizer		
Lerne	Aprender		
Illoo	Deixar entrar		

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Gregory D.S. *Auxiliary Verb Constructions*. New York: Oxford University Press.2006.

BAUR, Arthur: *Schwyzertüütsch. «Grüezi mitenand.» Praktische Sprachlehre des Schweizerdeutschen*. (faktisch: Zürichdeutschen). Winterthur 1969.

BERIT, Ase; STRANDKOGEN, Rolf. *Norwegian, An Essential Grammar*. Trad.WHITE, Barbara. New York. Routledge. 1995.

BOOTH, David. *The principles of English grammar*. Charles Knight and Co. London.1837.

BYBEE, Joan. *Cognitive processes in grammaticalization*. In M. Tomasello (ed.) *The New Psychology of Language, Volume II*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc, 2003a 145-167.

BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003b.

BYBEE, J.;PAGLIUCA, W.*The evolution of future meaning*. In *Historical Semantics, Historical Word Formation*, ed. J. Fisiak. The Hague: Mouton.1985.

BYBEE, Joan. *Language, Usage & Cognition*. Cambridge University Press.New York.2010.

CAMARA JR. J. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Rumos da dialetologia portuguesa*. Alfa 18-19.1972-1973.p.115-153.

CHAFE, W. *The Flow of Thought and the Flow of Language*. In Givon, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, Vol. 12. New York: Academic Press.1979.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge : Cambridge University Press, 1976.

CROFT, W. *Explaining Language Change: An Evolutionary Approach*.Longman Linguistics.London.2000.

DAHL, Osten.*Tense and aspect systems*. New York: Basil Blackwell.1985.

ECKARDT, R. *Meaning Change in Grammaticalization. An Inquiry into Semantic Reanalysis*. Oxford: Oxford University Press.2006.

FLEISCHMAN, Suzanne. *The futur in thought and language – diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FUCHS, Harry; SCHREIER, G. Paul. *Swiss German is simply beautiful*. Expat Solutions. Steinhausen, Switzerland. 2004.

FONSECA, Ana Maria Hernandez da. A perífrase verbal *ir+infinitivo* e o futuro do dialeto riopretano : um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização. 2010 Dissertação (Mestrado em Linguística).UNESP

GIBBÓN, A. O. *A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) UFSC

GLASER, Elvira; FREY, Natascha (Hrsg.): Empirische Studien zur Verbverdoppelung in schweizerdeutschen Dialekten. (*Themenheft Linguistik Online 45/1*), 2011. http://www.linguistik-online.org/45_11/

GIVÓN, T : *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.1979

Haspelmath, Martin. *Indefinite pronouns*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press. 1997.

HEINE, B; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HILPERT, Martin. *Germanic future constructions. A usage-based approach to language change*. Amsterdam: John Benjamins.2008.

HOLMES, Philip; HINCHLIFFE, Ian. *Swedish, an essential grammar*. Second Edition. New York. Routledge. 2008.

HOPPER, P. J. “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

KELLER, Rudolf E. *German Dialects: Phonology and morphology*. Manchester University Press, 1961.

KIRK, Arthur. *An introduction to the historical study of New High German* (1887). Manchester : The University press, 1923.

Kuryłowicz, Jerzy. “The Evolution of Grammatical Categories”. *Diogenes*, 51,55–71. (Reprint in: *Esquisses linguistiques*, Vol. II, 38–54. München: Fink, 1975.)

KUTEVA, T. 2001. *Auxiliation - An Enquiry into the Nature of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.

LAKOFF, George; MARK, Johnson. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago. 1980

LANG, Margeret; PEREZ, Isabelle. *Modern French Grammar, a pratical guide*. Second Edition. Routledge. New York. 2004.

LEEMANN, Adrian, *Swiss German Intonation Patterns*. John Benjamins B.V. Amsterdam 2012 (Studies in language variation 10).

LEHMANN, Cristian. *Thoughts on grammaticalization*. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002.

LÖTSCHER, Andreas. 1993. Zur Genese der Verbverdoppelung bei gaa, choo, laa, aafaa ("gehen", "kommen", "lassen", "anfangen") im Schweizerdeutschen. In *Dialektsyntax*, ed. by Werner Abraham and Josef Bayer, 180–200. Opladen: Westdeutscher Verlag.

MACHADO-VIEIRA, M. dos S. *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade*. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro; UFRJ, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A et al (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEILLET, Antoine. "L'évolution des formes grammaticales". In: *Linguistique historique et linguistique générale* (ed. Édouard Champion). Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion. 1912.

NOTH, Harald: *Kaiserstühler Alemannische Sprachlehre*. In: *Alemannisches Dialekthandbuch vom Kaiserstuhl und seiner Umgebung*. Freiburg i.B. 1993.

NORDE, Muriel. 2012. Lehmann's parameters revisited. In Davidse, Kristin, Tine Breban, Lot Brems & Tanja Mortelmans (eds) *Grammaticalization and Language Change: New Reflections*, 73-110. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

NÜBLING, Damaris. *kurzverben in germanischen Sprachen*. Unterschiedlich Wege gleich ziele. IN: ZDL 62(1995), p. 127 -154.

PINKSTER, Harm. *The development of future tense auxiliaries in latin*. Glotta. Amsterdam. 1985.

POLENZ, Peter Von. *Geschichte der deutschen Sprache*. W de G. Berlin. 2009.

ROBINSON, Orrin W. *Old English and Its Closest Relatives. A Survey of the Earliest Germanic Languages*. Stanford University Press. 1992

SAID ALI, Manauel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [s/d].

SHETTER, William Z; HAM, Esther. *Dutch, An Essential Grammar*. Ninth Edition. New York. Routledge. 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.2002.

STÖRIG,Hans Joaquim. *A aventura das línguas,uma viagem através da História dos idiomas do mundo*.tradução Gloria Paschoal de Camargo.São Paulo.Melhoramentos.2000.

ULTAN, Russell. 1978. *The Nature of Future Tenses*. In Greenberg, Joseph H. (ed.), *Universals of Human Language*, 83-123. Stanford: Stanford University Press.

WESTVIK, Olaf Jansen. 2000. “Über Herkunft und Geschichte des werden-Futurs. Eine Auseinander-setzung mit neuerer und neuester Forschung”. In Gerd Richter, Jörg Riecke & Britt-Marie Schuster (eds), *Raum, Zeit, Medium – Sprache und ihre Determinanten. Festschrift für Hans Ramge zum 60. Geburtstag*, 235–261. Darmstadt: Hessische Historische Kommission